Faculdade Canção Nova

Valdinei Alves de Lima

A oração como escola da esperança a partir do testemunho de François Xavier Nguyên Van Thuân

Cachoeira Paulista
2021

Faculdade Canção Nova

Valdinei Alves de Lima

A oração como escola da esperança a partir do testemunho de François Xavier Nguyên Van Thuân

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel na Faculdade Canção Nova sob a orientação do prof. Ms. Marcius Tadeu Maciel Nahur.

Cachoeira Paulista
2021

À memória do dignitário Cardeal François Xavier Nguyên Van Thuân

Agradeço aos meus pais pelo estímulo e compreensão.
Ao meu querido padre Mário Zappa pelo apoio.
Ao meu orientador prof. Ms. Marcius Tadeu Maciel Nahur.
À Adelaide da Fonseca Neves.
Enfim, a todos que, direita ou indiretamente, contribuíram
para conclusão de mais esta etapa.

"Antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede; fazei-o, porém, com mansidão e respeito.” (1Pd 3,15*).*

RESUMO

Este trabalho inicia-se com um apanhado histórico da origem e missão da Igreja Católica ao longo da sua era bimilenar e, nesse ínterim, constata-se que muitas foram as oposições ao seu legado. Dito isso, sem desmerecer os outros eventos dissidentes pretéritos, o comunismo é evidenciado aqui com destaque ao seu principal teórico, haja vista sua máxima: "A religião é o ópio do povo". Dado tal pano de fundo, clarifica os dissabores que François X. N. Van Thuân foi submetido por parte desse sistema anticlerical que se impôs no seu país Vietnã. Escrutinada, portanto, a vida dele, mediante seus escritos, este trabalho tem por objetivo mostrar o quão importante foi a vida orante dele nessa conjuntura de dominação comuna. Assim, para atingir tal meta, o arcabouço teórico deste labor é de revisão bibliografia, mas ele, para embasar o ponto fulcral aqui defendido, gravita em torno do livro *Testemunhas da Esperança* de autoria do próprio Van Thuân. Diante disso tudo, conclui-se que esse asiático teve uma vida heroica e exemplar nessa situação persecutória ideológica que ainda tem vigor neste mundo e, por isso, da necessidade de sempre rememorar o testemunho desse clérigo vietnamita que jamais foi subserviente a essa ideologia socialista que, em essência, busca desconstruir a Doutrina da Igreja. Por fim, esse personagem resiliente viveu de acordo com a esperança cristã e, não por acaso, tornou-se escola de oração aos tempos hodiernos. Mérito esse que ele alcançou graças a sua vida ascética que é fundamental nesse processo de espera pela parusia.

Palavras-chave: Igreja Católica; Comunismo; Van Thuân; Vida ascética; Escola de oração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1 DESCONHECIMENTO DA HISTÓRIA E RISCOS DE SUA REPETIÇÃO 11

1.1 Um pastor de almas forjado no fogo da beligerância 21

1.2 O calabouço que não foi capaz de calá-lo 31

1.3 A dor de Van Thuân causada pelo exílio 35

2 A ORAÇÃO COMO ESCOLA DE ESPERANÇA NO TESTEMUNHO DO CARDEAL FRANÇOIS XAVIER NGUYÊN VAN THUÂN 38

2.1 A esperança cristã em tempos de cárcere 40

2.2 A vida de oração de Van Thuân na prisão 45

2.3 A oração como escola de esperança em Van Thuân 51

3 FRANÇOIS X. NGUYÊN VAN THUÂN: MESTRE DE ESPERANÇA CRISTÃ NOS SEUS ESCRITOS 54

3.1 Escritos de esperança cristã advindos do cárcere 56

3.2 Van Thuân, mestre de esperança em seus escritos 59

CONCLUSÃO 61

REFERÊNCIA 64

ANEXO 69

TABELA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT – Antigo Testamento

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CDF – Congregação para a Doutrina da Fé

CDC – Código de Direito Canônico

CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja

DR – *Divini Redemptoris*

DV – *Dei Verbum*

EUA – Estados Unidos da América

EE – *Ecclesia de Eucharistia*

LG – *Lumen Gentium*

RN – *Rerum Novarum*

PC – Partido Comunista

TL – Teologia da Libertação

TMA – *Tertio Millennio Adveniente*

SS – *Spe Salve*

URSS – União das Repúblicas Soviéticas

INTRODUÇÃO

Se os holofotes, que iluminam a história humana, forem volvidos para a frutífera era bimilenar da Igreja Católica Apostólica Romana, constata-se – segundo os anais da história cristã – que o longevo itinerário dela não foi sem infindáveis sacrifícios. Mesmo assim, a Igreja Católica nunca retrocedeu no cumprimento da sua missão-mor até hoje que é evangelizar o mundo, ainda que sofrendo represálias terríveis aos seus agentes missionários que – desde os primórdios – percorreram e estabeleceram-se no mundo para propagar a esperança cristã ao longo dos bastantes séculos decorridos. A história, portanto, mostra que muitas foram as ideologias anticlericais que eclodiram no mundo inteiro e, sendo assim, as muitas perseguições aos cristãos são embasadas, todavia, sob a ótica teológica, justifica-se tudo. A prova de que perseguições religiosas assim ainda ocorrem nos dias atuais está, por exemplo, no testemunho de vida do Cardeal François Xavier Nguyên Van Thuân. Trata-se de um clérigo vietnamita que viveu sob o ônus da conjuntura persecutória ideológica no seu país natal e – pelas agruras fisiológicas e psicológicas que ele foi submetido por parte dessa intolerância – pode-se dizer que, assim como experienciou o apóstolo São João – o discípulo amado por Jesus Cristo – recluso na Ilha de Patmos e, também, São Paulo – o apóstolo dos gentios – recluso nos muitos cárceres daquele vasto Império Romano, Van Thuân também bebeu do cálice profetizado por Jesus Cristo.

Esse clérigo asiático em voga, contudo, sofreu com a perseguição religiosa anticlerical típica da praxe comunista que – a partir do vetor Rússia – se espalhou pandemicamente como um vírus nocivo pelo mundo inteiro e, dessa forma, estabeleceu-se vigorosamente nele sobremaneira que inoculou grande parte das instituições basilares das sociedades modernas e, pelo seu espólio letal que deixou atrás de si (são 100 milhões de mortes), o saldo comparativo mostra, de acordo com *O Livro Negro do Comunismo: crimes, terror e repressão*, que todos os terremotos, furações, epidemias, tiranias e guerras dos últimos quatro séculos, somados, não produziram resultados tão devastadores quanto às mortes causadas pelo comunismo.

O comunismo trata-se de um sistema ideológico há muito debatido, ou seja, data desde a antiga civilização grega, haja vista a obra *A República* cujo autor Platão idealizou uma cidade perfeita em que os homens não seriam corrompidos pelo dinheiro e pelo poder, onde a sabedoria, a razão e a justiça comandariam. Mas foram com os teóricos iluministas do século XIX que o comunismo foi "estruturado" conforme se propagou e conhece-se hoje em dia. Assim, a partir do momento em que esses pensadores teutos – nada pacifistas – entraram em

cena, eles passaram a defender a sua aplicação na prática. Eles – dentro do bojo dessa filosofia ideológica sociopolítica de essência materialista – apregoavam um mundo sem um Criador de tudo que existe por enxergá-lo como sendo uma "superstição difusa pela classe dominante opressora burguesa" que emperra a revolução social comuna que deseja instaurar um mundo desclassificado. Dessa forma – segundo esse ideário que tem no filósofo ateu germânico Karl Marx seu grande teórico formulador – para se atingir os fins da causa comuna, há a necessidade de extirpar do seio da sociedade capitalista a principal agente (a Igreja Católica) de propagação dessa "crendice anestesiante" que sustenta o mundo em pé com seu *status quo* opressor burguês e, com isso, derrotando-a, *a posteriori*, far-se-ia ruir o próprio sistema capitalista como um todo. Tal intento marxista vem ao encontro da máxima maquiavélica – os fins justificam os meios – para endossá-la.

Trata-se de mais uma situação de tentativa de apagar a herança da Igreja Católica que sempre promoveu e promove a esperança cristã na história de um mundo que ela ajudou a construir (sobretudo o mundo ocidental), segundo a mensagem evangélica que, *de per si*, é transcendente. Por isso da importância de explorar sobre este tema: *A oração como escola da esperança a partir do testemunho de François Xavier Nguyên Van Thuân*. Visto que, com base no exemplo desse clérigo vietnamita católico, vem dar uma resposta à altura para todos aqueles que defendem que a esperança de um mundo perfeito não está em algo metafísico, mas apenas em algo puramente imanente.

Van Thuân, com seu testemunho de vida ascética em todo esse processo persecutório caótico, provou ao mundo cristão como vivenciar a fé resilientemente no dia a dia, ainda que diante das tribulações severas provocadas pelos seus detratores. Tudo isso por que o sentido da vida desse clérigo asiático foi depositado na verdade perene e indelével difusa pela Igreja desde os primórdios dela, em outros termos: a esperança cristã. Expectativa essa que deixa, a quem aderir a essa fé, sempre alerta à consumação do ponto fulcral definitivo do projeto salvífico divino, visto que quando o fim dessa espera chegar, acabar-se-á todo o sofrimento do mundo, em razão de não haverá mais morte, nem luto, nem clamor e nem dor haverá mais. Assim, haverá um céu novo e uma nova terra.

Esse cenário leva à importância de se percorrer um diminuto apanhado histórico da origem e o *modus operandi* do mais terrível regime ideológico antieclesial – em números absolutos – da história da Igreja para clarificar as razões de tanta perseguição ao personagem central deste labor. Além disso, fazer um escrutínio da vida desse clérigo oriental, todavia, acima de tudo, é focar nos treze anos de cárcere arbitrário a que ele foi submetido pelo novo regime socialista imposto pela força e a barbárie no Vietnã. E, ainda, analisar a literatura

desse purpurado legada à posteridade, sobretudo, nos escritos que foram redigidos em tempos de cárcere. Assim, o tema-problema focalizado perpassa a biografia de um clérigo inserido no contexto de dominação comunista, mas não se restringe a uma análise biográfica, tampouco a uma releitura do comunismo, e sim uma discussão sobre a força da teologia da oração nas mais adversas circunstâncias políticas e sociais de um determinado tempo e espaço.

Para tanto, esta monografia se utilizará da metodologia de revisão bibliográfica mediante. Assim, no esforço de discorrer sobre essas problemáticas com propriedade, este trabalho, de início, irá apresentar um exíguo apanhado histórico, evidenciando um pouco da engenharia do comunismo, sistema ideológico que muito perseguiu e persegue a Igreja por vê-la como um obstáculo à sua consolidação absoluta no planeta. Em seguida, será apresentado Francois X. Nguyên Van Thuân e posto em discussão a questão de como esse clérigo se tornou escola de esperança cristã sob essa situação ideológica opressora que se instaurou no seu país natal do sudeste asiático bem como em muitos países ao redor do mundo. Por fim, diante do exame da literatura deixada por esse dignitário da Igreja Católica, será apresentada a questão de como esse cardeal se tornou mestre cristão em seus escritos.

1 DESCONHECIMENTO DA HISTÓRIA E RISCOS DE SUA REPETIÇÃO

Dentro do universo do catolicismo, crê-se que foi Jesus Cristo que instituiu a Igreja Católica e isso é atestado pela tríade sacra: Escritura, Tradição e Magistério. Gênesis tal que, sob uma ótica teológica, deu-se no momento exato em que o Crucificado teve seu lado transpassado por uma lança romana quando Ele estava suspenso no madeiro romano e, dessa ferida, jorrou sangue e água (CATECISMO, 766). Dias depois desse fato institucional, Cristo, já na sua glória (cf. Mt 28), reuniu-se com seus discípulos e deu-lhes o seguinte imperativo: "Ide pelo mundo inteiro e pregai o evangelho..." (Mc 16,15). A partir dessa ordem direta, que se tornou a principal missão da Igreja, os apóstolos, mesmo sabendo que iriam ter que beber do mesmo cálice cruento do seu Mestre (cf. Mt 20,23), executaram-na destemidamente – com a pujança do Consolador (cf. At 2,1-4) – por todo aquele mundo conhecido por eles e, *a posteriori*, por meio dos seus sucessores, ao longo dos já vinte séculos da era cristã. Dessa maneira, o Evangelho foi difuso – não sem grandes sacrifícios – em todo o globo terrestre.

Agora, ao se fazer um escrutínio dessa era bimilenar cristã, concluir-se-á que – para além de qualquer preconceito para com o catolicismo – desde que a Igreja, em obediência ao seu Fundador, laboriosamente implantou e estabeleceu seu *status quo* cristão em todo o planeta, sobretudo na parte ocidental (WOODS, 2014, p. 5), ela sempre esteve atenta às transformações sociais ocorridas no mundo. Atenção necessária essa para proteger o seu patrimônio evangélico que promovia – a duras penas – a esperança-mor cristã.

Quando a Igreja, portanto, se apercebia que a sua herança salvífica – legada segundo o seu Magistério – corria risco por conta dos ensinamentos transviados que sempre pululavam sob a atmosfera cristã (cf. Mt 16,18-19), ela, a rigor, agindo conforme a necessidade histórica, sempre os combatia diligentemente (seja ensinando, corrigindo ou mesmo beligerando), porque seu escopo sempre foi tentar evitar o detrimento da sua salutar Doutrina. Desse modo, o mundo seguiu seu curso segundo a égide dessa herança de caráter universalista cuja profusão – por parte da Igreja – iniciou-se a partir da ordem do seu Fundador (cf. Mc 16,15).

Depois de dar, devido a sua importância, esse exíguo preâmbulo de justificação da origem e missão da Igreja no mundo, agora, para ensejar sobre o grã-tema deste trabalho, faz-se necessário, doravante, volver os holofotes que iluminam a história cristã para um período em específico para evidenciar, ainda que, a grosso modo, o advento da Revolução Industrial na Europa que teve seu início na segunda metade do século XVIII. Esse formidável progresso das maquinarias – que dinamizou e consolidou de vezes o sistema capitalista (SINOTTI, 2015, p. 111) – não levou a tiracolo o necessário avanço no tocante aos direitos humanos: "na

proporção em que a maquinaria cancela todas as distinções de trabalho e, por quase toda a parte, reduz salários para o mesmo nível baixo" (MARX; ENGELS, 2008, p. 23). À vista disso, esse neocontexto de estratificação social foi solo fértil para que vozes anticlericais[1] filosóficas críticas – à medida que o tempo passava e o imbróglio persistia – fossem levantando-se cujo afã era fomentar a ideologia comunista real aplicada (COURTOIS, 2018, p. 14) por meio da revolução da classe trabalhadora oprimida que, deveras, vai dizer Sinotti (2015, p. 109), nesse período em evidência, era – de fato – injustiçada.

Foi assim que o *Manifesto do Partido Comunista* corporizou-se, em 1848, o espectro que há muito já perambulava escrupulosamente nas sombras daquela sociedade progressista (MARX; ENGELS, 2008, p. 7). A partir disso, esse movimento revolucionário anarquista (somente para com o sistema capitalista vigente) de caráter universalista saiu das sombras e ganhou força e notoriedade nos anos vindouros. Nesse documento precursor e reacionário, os autores alemães Karl Marx e Friedrich Engels defendiam, de forma nada pacifista, como seria a deposição da concepção capitalista para estabelecer a concepção revolucionária utópica comuna – de essência materialista – que prega um mundo perfeito para todos:

> Os comunistas desdenham ocultar suas opiniões e metas. Abertamente, declaram que seus fins só podem ser atingidos pela derrubada violenta de todas as condições sociais existentes. Que a classe governante trema diante da revolução comunista. Os proletariados nada têm a perder fora suas correntes; têm o mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos! (MARX; ENGELS, 2008, p. 65).

O fato foi que, a partir desse *Manifesto*, essa ideologia, indubitavelmente, espalhou-se pelo mundo promovendo suas revoluções que, para todos os efeitos, foram as responsáveis – em números absolutos – por 100 milhões de pessoas mortas no mundo (COURTOIS, 2018, p. 16), isso sem falar da opressão de todo tipo para com os opositores dessa concepção de "sociedade ideal", porém sem Deus.

Olavo de Carvalho, contudo, explica o porquê esse sistema socialista não deu – e não dará – certo em país nenhum do mundo aonde esse sistema ideológico chegou, visto que tal sistema socioeconômico e ideológico, quando posto em prática, não se sustenta, pois promove o caos social. Daí a necessidade de recorrer aos meios brutais para tentar sustentar um sistema que está errado na sua essência. Segue a explicação dessa utopia socialista segundo o filósofo brasileiro que vale a pena citar aqui:

[1]Tal ideologia, lançando um olhar de fé, encontra-se no bojo da profecia dita por Jesus em Matheus 16, 18-19.

> O ideal socialista é, em essência, a atenuação ou eliminação das diferenças de poder econômico por meio do poder político. Mas ninguém pode arbitrar eficazmente diferenças entre o mais poderoso e o menos poderoso sem ser mais poderoso que ambos: o socialismo tem de concentrar um poder capaz não apenas de se impor aos pobres, mas de enfrentar vitoriosamente o conjunto dos ricos. Não lhe é possível, portanto, nivelar as diferenças de poder econômico sem criar desníveis ainda maiores de poder político. E como a estrutura de poder político não se sustenta no ar, mas custa dinheiro, não se vê como o poder político poderia subjugar o poder econômico sem absorvê-lo em si, tomando as riquezas dos ricos e administrando-as diretamente. Daí que no socialismo, exatamente ao contrário do que se passa no capitalismo, não haja diferença entre o poder político e o domínio sobre as riquezas: quanto mais alta a posição de um indivíduo e de um grupo na hierarquia política, mais riqueza estará à sua inteira e direta mercê: não haverá classe mais rica do que os governantes. Logo, os desníveis econômicos não apenas terão aumentado necessariamente, mas, consolidados pela unidade de poder político e econômico, terão se tornado impossíveis de eliminar, exceto pela destruição completa do sistema capitalista [exatamente como defendia Marx (2008, p. 65) na citação supracitada]. E mesmo esta destruição já não resolverá o problema, porque, não haverá classe rica fora da *nomenklatura*, esta última conservará o poder econômico em suas mãos, simplesmente trocando de legitimidade jurídica e autodenominando-se, agora, classe burguesa. A experiência socialista, quando não se congela na oligarquia burocrática, dissolve-se em capitalismo selvagem [por exemplo, a China atual]. *Tertium non datur*. O socialismo consiste na promessa de obter um resultado pelos meios que produzem necessariamente o resultado inverso (CARVALHO, 2014, p. 119-120).

Contudo, o *Manifesto Comunista* – no tempo em que só ladeava apenas no campo teórico – teve como máxima: trabalhadores do mundo todo, uni-vos! (MARX; ENGELS, 2008, p. 65). Tal axioma marxista tinha por meta conclamar os "proletários" – vítimas, segundo os pensadores teutos em voga, de histórica luta de classes (MARX; ENGELS, 2008, p. 9) – à luta armada para a derrocada completa e radical do "sistema opressor burguês capitalista" para se estabelecer o regime "fantasmagórico" que há muito já assombrava a Europa, principalmente a figura do Papa (MARX; ENGELS, 2008, p. 7), pois a Igreja – com sua missão, visão, valores e costumes – era o grande entrave à revolução ideológica comuna.

A Igreja Católica, não obstante, protagonista como sempre foi em um mundo em que ela mesma ajudou a edificar (WOODS, 2014, p. 5), jamais aprovou e pregou a luta de classes[2], ela, porquanto, não aceita a divisão de qualquer tipo no seu *Sanctum Corpus* (cf. Ef 4,5). O Sumo Pontífice Leão XIII, não por acaso, 48 anos depois do *Manifesto Comunista*, disse, na sua encíclica *Rerum Novarum* (1891), que a Igreja não é a favor da luta de classes, visto que ela sempre promoveu a concórdia entre as mesmas. Ele – de forma lógica – explica sociologicamente a estrutura que compõe qualquer sociedade. Segue abaixo:

[2]Em detrimento à compreensão teológica moderna dos mentores da teologia da libertação, como foi o caso do sacerdote dominicano Gustavo Gutiérrez Merino que afirmou, segundo Aquino (2001, p. 19): "A luta de classes é um dado de fato e a neutralidade acerca desse ponto é absolutamente impossível".

> O primeiro princípio a pôr em evidência é que o homem deve aceitar com paciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os Socialistas; mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão multíplices como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força; diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença das suas respectivas condições (RN 9).

Leão XIII condenou tais ensinamentos marxistas quando ainda estava no campo teórico, ou seja, sem ainda ter sido implementado na prática em país algum. Mas interpretações errôneas sobre ensinamentos assim – como a exposta por esse Pontífice – surgiram e, *a posteriori*, pseudojustificam máximas do tipo: "a religião é o ópio do povo" (MARX, 2019, p. 13-14). A *Rerum Novarum*, com a pedagogia coerente própria da Igreja, foi muito didática ao explicar que não se pode destruir o arcabouço que sustenta o social, visto que se todos fossem elevados à condição de igualdade (socialmente falando), ora, o que seria do mundo? Por isso que Leão XIII defende o *status quo,* mas com a plena dignidade humana sendo respeitada. Quanto à promoção individual do ser humano, não se deve jamais excluir o fator meritório nesse processo, uma vez que é por meio do mesmo que o progresso humano avança com excelência. Quanto às injustiças, isso sempre existiu e sempre vai existir no mundo, pois a Igreja ensina, por meio do seu Catecismo (1714), o seguinte: "O homem, ferido na sua natureza pelo pecado original, está sujeito ao erro e inclinado para o mal no exercício da sua liberdade". A Congregação para a Doutrina da Fé (1984, 12) ensina que a liberdade, ponto de referência para as demais, é a do pecado. Isto é, as injustiças outras são frutos, em essência, do pecado.

O Pontífice Leão XIII diz categoricamente sobre as ideologias que querem destruir a teia social: "Chegamos ao extremo limite dos horrores como o comunismo, o socialismo, o niilismo, deformidades horríveis da sociedade civil e quase a sua ruína" (CARVALHO, 2014, p. 122). A Igreja – por meio do seu triunvirato sacro – sempre vai ensinar a conversão e a união harmônica em Cristo Jesus, uma vez que Ele é a luz do mundo, o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 8,12; 14,6). Não há esperança cristã na divisão e tal esperança é a que norteia a vida de todo cristão, uma vez que é por meio dela que se consumará a salvação eterna do homem em um Reino perfeito que não jaz plenamente neste mundo (cf. Jo 18,36). A realização dessa expectativa é o ponto fulcral dessa fé.

A quem apregoa que é possível instaurar um "reino" perfeito aqui neste mundo por meio de vãs filosofias (cf. Cl 2,8), como foi o caso do pai do marxismo, Cristo vai lhe dizer

profeticamente que isso não passa de engodo e de falácia, porque no mundo sempre existirá a pobreza (cf. Jo 12,8). A Igreja – sabendo que "o Reino de Deus iniciado aqui na terra, na Igreja de Cristo, não é deste mundo" (SS 18), ou seja, o Reino da perfeição é somente noutro mundo (cf. Jo 18,36) – defende que, aqui neste mundo, uma possível igualdade – à medida do possível – seja oriunda da caridade fraterna (cf. Lc 6,26), advinda da adesão à mensagem evangélica para com o próximo (cf. Mt 22,37-39) que desde o AT já era anunciada (cf. Deut 10,18-19). "É a luz da vocação cristã ao amor fraterno e à misericórdia que os ricos são severamente admoestados para que cumpram o seu dever" (CDF, 1984, 11).

Veja, contudo, o que o filósofo ateu Karl Marx – sob o ônus da sua filosofia que fomentou genocídios pelo mundo todo – pensava da religião:

> A miséria religiosa é, de um lado, expressão da miséria real e, de outro, protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida pela infelicidade, a alma de um mundo sem coração, e é o espírito de uma época sem espírito. É o ópio do povo (MARX, 2019, p. 13-14).

A partir desse parecer de Marx, é fato que os governos ditatoriais que se impuseram pelo mundo – segundo essa agenda ideológica de suplantação – passaram a ter posição oficial no campo religioso: "a luta contra a religião" (RICCARDI, 2011, p. 358-359). À medida que esse pensamento revolucionário aguerrido de cunho materialista começou a expandir-se pandemicamente pelos quatro Continentes (COURTOIS, 2018, p. 13) virando escola marxista, foi acontecendo isto com as religiões nos países por onde o comunismo se impôs: "Stalin ordenou a demolição de centenas de igrejas em Moscou; [...] Pol Pot fez com que fosse desmontada pedra por pedra a Catedral de Phnom Penh e abandonou à selva os templos de Angkor; durante a revolução cultural maoísta [...]" (COURTOIS, 2018, p. 15-16). Melhor dizendo, a luta contra a religião foi prática.

A Igreja, no que lhe concerne, ciente da sua responsabilidade em promover a esperança cristã, como é praxe, assim como ela condenou o nazismo na *Mit Brennender Sorge*, de 14 de março de 1937, assim também o vez, com poucos dias de intervalo, em de 14 de março de 1937, a condenação do comunismo por meio da encíclica *Divini Redemptoris* (COURTOIS, 2018, p. 43). Ambas encíclicas foram redigidas pelo Papa Pio XI, que, interessante dizer, pôde avalizar empiricamente as atrocidades cometidas nos países onde ambos os regimes foram instaurados. Na DR, o Papa Pio XI foi categórico: "Procurai, veneráveis irmãos, que os fiéis não se deixem enganar! O comunismo é intrinsecamente perverso e não se pode admitir em campo nenhum a colaboração com ele, da parte de quem quer que deseje salvar a

civilização cristã" (DR 58). Sendo que já em 1931, seis anos antes de redigir a DR, na *Quadragésima Anno*, Pio XI havia dito:

> [O comunismo] ensina duas coisas e as procura realizar, não oculta ou solapadamente, mas à luz do dia, francamente e por todos os meios ainda os mais violentos: guerra de classes sem tréguas nem quartel e completa destruição da propriedade particular. Na prossecução destes objetivos a tudo se atreve, nada respeita; uma vez no poder, é incrível e espantoso quão bárbaro e desumano se mostra. Aí estão a atestá-lo as mortandades e ruínas de que alastrou vastíssimas regiões da Europa oriental e da Ásia (QA s/n).

Todavia, já difusa pelo mundo todo, o comunismo – que preexistiu ao fascismo e ao nazismo (COURTOIS, 2018, p. 13) – obteve sua primeira vitória substancial, pois o primeiro laboratório que fez materializar essa perversidade (DR 58) foi na imensa Rússia Imperial dos Czares. O sofrimento, porém, da maioria desse povo russo era tão grande quanto seu território. Um povo que tampouco teve a sua dignidade humana respeitada. Veja a afinidade dessa protorrevolução comunista com o que defendia o *Manifesto* de Marx e Engels:

> Nós rejeitamos os velhos sistemas de moralidade e de "humanidade" inventados pela burguesia com o objetivo de oprimir e explorar as "classes inferiores". Nossa moralidade não tem precedentes, nossa humanidade é absoluta, pois ela repousa sobre um novo ideal: destruir toda forma de opressão e de violência. Para nós, tudo é permitido, pois somos os primeiros no mundo a erguermos a espada não para oprimir, mas para libertar a humanidade de suas correntes... Sangue? Que o sangue jorre aos montes! Somente o sangue pode colorir para sempre a bandeira negra da burguesia pirata como um estandarte vermelho, bandeira da Revolução. Somente a morte final do velho mundo pode nos libertar para sempre do retorno dos chacais! (WERTH, 2018, p. 127).

Diante desse teatro sofrível, "a aspiração pela justiça e pelo reconhecimento efetivo da dignidade de cada ser humano, como qualquer outra aspiração profunda, exige ser esclarecida e orientada" (CDF, 1984, 1), porquanto, diz a Escritura, o povo perece por falta de conhecimento (cf. Os 4, 6), segue o documento, existem muitos movimentos políticos e sociais que se apresentam como porta-vozes autênticos da aspiração dos pobres e como habilitados, mesmo com o recurso a meios violentos, a realizar as transformações radicais que poriam fim à opressão e à miséria do povo (CDF, 1984, 2). O fato é que, agindo como "porta-voz", o movimento bolchevique chegou ao poder em outubro de 1917 (WERTH, 2018, p. 65) e, em novembro de 1917, os bolcheviques assumiram ser comunistas (COURTOIS, 2018, p. 14). Assim esses déspotas neocomunas russos, tendo no teórico Lênin (de formação marxista) o grande líder (que, por sua vez, fez sua própria escola), aproveitando-se de um período de infortúnio civil naquele imenso Império czarista – agravado principalmente por ocasião da

Primeira Grande Guerra Mundial (WERTH, 2018, p. 52) – promoveram um levante armado da classe trabalhadora russa indignada que se uniu, bem à moda Karl Marx: "seus fins só podem ser atingidos pela derrubada violenta de todas as condições sociais existentes. Que a classe governante trema diante da revolução comunista [...]. Proletários de todos os países, uni-vos!" (MARX; ENGELS, 2008, p. 65). Assim, por conseguinte, seguindo essa cartilha marxista radical, os bolcheviques articularam a massa popular sofrida a uma insurreição, que, por sua vez, virou uma revolução que derrubou o Czar Nicolau II e, com isso, os bolcheviques assumiram o controle em 1917 e, com discursos do tipo:

> Trabalhadores, escrevia o *Pravda* de 31 de agosto de 1918, é chegada a hora de aniquilar a burguesia, senão vocês serão aniquilados por ela. As cidades devem ser impecavelmente limpas de toda putrefação burguesa. Todos esses senhores serão fichados, e aqueles que representem qualquer perigo para a causa revolucionária, exterminados. [...] O hino da classe operária será um canto de ódio e de vingança! (WERTH, 2018, p. 84).

O Partido Bolchevique se sustentou contra os antirrevolucionários e manteve-se no poder aplicando, por exemplo, o "Decreto Sobre o Terror Vermelho" (WERTH, 2018, p. 85). A declaração do líder dos sindicatos soviéticos, Tomski, em 13 de novembro de 1927, dá um prelúdio sintético de tal absolutismo tirânico: "Em nosso país, outros partidos também podem existir. Eis, no entanto, o princípio fundamental que nos distingue do Ocidente; a situação imaginável é a seguinte: um partido reina, todos os outros estão na prisão" (COURTOIS, 2018, p. 20). Regime totalitário brutal imposto esse que, ao longo de mais de sete décadas que o mesmo durou, foram cerca de 20 milhões de mortes só naquele território (COURTOIS**,** 2018, p. 16). Com destaque às brutalidades de Stalin (VOLKOGONOV, 2004, p. 396). Só para citar um exemplo da perversidade desse sucessor de Lênin[3] no poder, Josef Stalin mandou executar por fuzilamento, em 1939, quase a totalidade dos oficiais poloneses prisioneiros de guerra (4.500) na floresta de Katyn (COURTOIS, 2018, p. 18), mas, na busca de acabar com a classe intelectualizada polaca (bem como inibir futuras insurreições contra o regime imposto), foram cerca de 22.000 pessoas executadas – muitos delas sendo padres católicos – em Katyn e desovadas em valas comuns.

Aqui é outro ponto importante deste item, visto que, com a implantação do socialismo na Rússia, depois China... Com a morte de Stalin e Mao, o terror atenuou-se um pouco, mas houve a "continuação da luta de classe sob outras formas" (COURTOIS, 2018, p. 15),

[3]Lênin também foi um genocida, haja vista o que diz Werth (2018, p. 91) seu telegrama ao Comitê Executivo do Soviete de Penza, no qual esse líder ordena, entre outras ordens, o enforcamento – em caráter de exemplo aos revoltosos – de pelos menos 100 kulaks de modo que todos vejam, ainda que de longe.

confirmando aquilo que disse Carvalho (2014, p. 120): “A experiência socialista, quando não se congela na oligarquia burocrática, dissolve-se em capitalismo selvagem”. Porém com o mesmo matiz violento à Karl Marx (MARX; ENGELS, 2008, p. 65), visto que os arquivos e os testemunhos abundantes mostram que o terror foi, desde sua origem, uma das dimensões fundamentais do comunismo moderno (COURTOIS, 2018, p. 15).

O fato notório é que a revolução russa passou a ser escola (ou a financiar movimentos iguais) para que se enraizasse pelo mundo. Foi assim que chegou à China e, depois, em outros países, isto é, a expansão foi a partir de Moscou[4]. Eis provas elementares dessa afirmação: em Pequim, 1973, a presença dos retratos de Lênin e de Stalin mostra que os fundadores da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas eram referências essenciais do regime comunista chinês (MARGOLIN, 2018, p. 758). Na Etiópia, 14 de setembro de 1979, o regime do ditador Mengistu Hailé Mariam disse inspira-se no comunismo soviético (MARGOLIN, 2018, p. 770). Em 27 de dezembro de 1979, as tropas soviéticas entram no Afeganistão e, em dez anos, o Exército Vermelho faz entre 1 milhão e 1,5 milhão de vítimas, 90% das quais eram civis (MARGOLIN, 2018, p. 771). Com o apoio dos soviéticos desde 1974, o Movimento Popular de Libertação de Angola recebe reforço (MARGOLIN, 2018, p. 771) etc.

Eis um fato importante aqui. Foi assim que o Partido Comunista da Alemanha tentou, lá atrás, nas primeiras décadas do século XX, por meio das “vias democráticas”, assumir o controle da República de Weimar (sistema republicano esse que fora implantado na Alemanha após o fim da Primeira Grande Guerra Mundial que dissolveu o Segundo Heich), entretanto esse controle foi impedido pelo golpe de Hitler, que pôs fim ao próspero Partido Comunista germânico que, na ocasião, eram 100 deputados no Reichstag e milhares de representantes noutras legislaturas, oficiais, burocratas, organizadores e ativistas” (EVANS, 2010, p. 404), ou seja, estava em franca ascensão. Nesse cenário efervescente teuto, a Igreja católica combateu, à medida do possível, a ambos (comunismo e nazismo): “Com tais sinais sendo emitidos pelo Vaticano até mesmo na década de 1920, as perspectivas para o catolicismo político na Alemanha não eram boas” (EVANS, 2010, p. 137).

Falar daquela Alemanha aqui, não se trata da uma digressão ao tema neste item, porque com o desfecho da II Guerra Mundial, caiu o regime nazista, no entanto, no pós-guerra, houve a ruptura das relações entre a então URSS e os Aliados. Iniciando assim a Guerra Fria que literalmente dividiu, em uma “cortina de ferro”, não só a Alemanha, mas o mundo em dois blocos ideológicos. Esta contenda velada tratava-se de duas ordens mundiais econômico-

[4]Exatamente – ainda que no campo devocional – como ensinou o padre Ricardo (2021) sobre o alerta da Virgem de Fátima: “A Rússia espalhará seus erros pelo mundo”.

ideológicas distintas que se digladiavam entre si para controlar o mundo e, à vencedora, o deleite de implementar a ordem mundial vitoriosa sobre a derrotada. De um lado, o regime comunista liderado pela URSS e, do outro, o sistema capitalista liderado pelos EUA. Porém, apesar da grande tensão, principalmente por conta da era atômica (THUÂN, 2002, p. 46), não houve embate direto entre essas duas concepções distintas, o que houve foi o apoio econômico-militar às rebeliões que eclodiam pelo mundo. Foi assim que a região da Indochina, Sudeste Asiático: Vietnã, Laos e Camboja não ficaram incólumes a tudo isso. Veja o que diz, sobre essa questão no Vietnã:

> O envolvimento dos Estados Unidos na Indochina desconsiderou o problema central da região: as lutas tinham um forte caráter nacionalista, com o comunismo catalisando ainda mais as forças, tanto para a expulsão dos franceses quanto, posteriormente, para a expulsão dos norte-americanos. Hoang Van Chi, historiador vietnamita, afirmou que "o que pode ser dito da revolução vietnamita é que começou no nacionalismo e terminou no comunismo" (BIAGI, 2007, p. 85).

Apresentado, por fim, o país que compõe a região da Indochina, Vietnã, tem-se um diminuto pano de fundo desse teatro histórico do local no qual estava inserido o personagem real da Igreja Católica que sofreu na sua carne os efeitos nefastos de toda essa prática – semelhante ao decreto do "Terror Vermelho" (WERTH, 2018, p. 85) – advinda dessa "filosofia" utópica que se materializou ideologicamente em muitos países (a partir de Moscou) oprimindo o povo. Foi assim nessa nação do sudeste asiático e a prova disso está no seguinte colóquio argumentativo no qual o clérigo presidiário que pleiteava a sua liberdade junto à autoridade competente responsável pelo seu encarceramento, segundo a liturgia formal exigida pelo momento, falou *in loco*, com a devida *data venia*: "Excelência, estou na prisão há bastante tempo; sob três pontificados, de Paulo VI, de João Paulo I e de João Paulo II. E, além disso, sob quatro secretários-gerais do Partido Comunista Soviético: Brejnev, Andropov, Chernenko e Gorbachev" (THUÂN, 2019, p. 71). O fato é que essa perspectiva conturbada – que redesenhou a geopolítica mundial (e por que não parte da geografia do mundo? Eis as duas Coreias como exemplo) – teve no país Vietnã mais um exemplo claro daquilo que outrora alertou Pio XI na *Divini Redemptoris*.

Esse personagem preso supracitado é o cardeal François Xavier Nguyên Van Thuân. Um homem fiel – disse o Papa polonês por ocasião da homilia exequial do próprio – cujo legado de vida ascético é exemplar (JOÃO PAULO II, 2002, 5) ao mundo contemporâneo. Mesmo mundo que segue polarizado por ideologias muitas. João Paulo II (1996, 2) alertou – na sua mensagem aos Jovens e às Jovens do Mundo por Ocasião da XII Jornada Mundial da

Juventude – sobre elas quando disse que o homem vive em uma época de grandes transformações que desabam rapidamente ideologias que pareciam dever resistir ao longo do tempo, e no planeta se vão redesenhando limites e fronteiras. A humanidade encontra-se muito incerta, confusa e preocupada, porém, constata Sumo Pontífice oriundo da Polônia, a palavra de Deus não desaba: percorre a história e, na mudança dos acontecimentos, permanece estável e luminosa.

François X. Nguyên Van Thuân – que foi extremamente fiel à Palavra de Deus – tinha pleno conhecimento de toda essa revolução comunista no macro da geopolítica mundial, porém ele sofreu na sua pele – não como mero expectador – os desdobramentos dessa revolução que fez hospedar esse sistema ideológico como forma de governo no seu país. Van Thuân, mesmo sabendo do controle ferrenho aos agentes da Igreja por parte do neorregime intolerante (RICCARDI, 2011, p. 339), ainda assim, não deixou de clamar pela liberdade que é intrínseca à esperança evangélica. Para ele, a verdadeira revolução foi iniciada por Jesus na cruz. Sendo assim, dizia ele, a revolução do povo deve começar na mesa eucarística e daí ser levada para frente. Somente assim para que a humanidade possa ser verdadeiramente renovada (THUÂN, 2019, p. 46). Esse asiático, lançando um olhar analítico de fé – depois de analisar a situação que o mundo está envolto –, dizia que a esperança cristã era o maior desafio no início do terceiro milênio (THUÂN, 2002, p. 23-24). Van Thuân fala com propriedade, uma vez que ele fez jus ao seu múnus ministerial que fora forjado na beligerância. Por tal coragem, mais de 1/7 da sua vida foi na prisão comunista, contudo, nem assim, o regime brutal imposto foi capaz de calá-lo.

Anos depois da sua prisão, "em 1986 começa a manifestar-se uma relativa calmaria: o novo secretário-geral do PC [Partido Comunista], Van Linh, manda então libertar a maioria dos presos políticos e ordena, em 1988, o fechamento dos últimos campos da morte das terras altas" (MARGOLIN, 2018, p. 682). O Vaticano – atento a esse feito – usa da diplomacia para com a República Socialista do Vietnã, assim, o então presidiário Van Thuân foi, finalmente, libertado com a devida anuência dos seus algozes, mas submetido, tempos depois, a outro grande sofrimento que o acometeu até o fim da sua vida, posto que ele foi exilado para sempre no Vaticano (RICCARDI, 2011, p. 469).

Em suma, à vista disso e mais, Edmund Burke tinha razão quanto à sua máxima: "Um povo que desconhece sua história está fadado a repeti-la" (KFOURI, 2018). Ou seja, esse aforismo desse pensador conservador irlandês discorre sobre a necessidade de examinar os fatos pretéritos para aprender com eles de tal maneira que os erros jamais sejam repetidos pela humanidade. Aprendizado necessário esse que tem na Igreja a grande *magistra* em cada

evento histórico, pois, na sua essência, trata-se de uma instituição divina que é constituída por pessoas. E a história mostra que muitas dessas pessoas (sejam ordenadas ou não) deram literalmente suas vidas em prol da sua consolidação no mundo inteiro segundo o imperativo do seu Fundador em outrora, haja vista o fiel Cardeal *Van Thuân*.

1.1 Um pastor de almas forjado no fogo da beligerância

Foi dado, com a devida parcimônia, o pano de fundo histórico para contextualizar a vida do Cardeal Francois Xavier Nguyên Van Thuân. Foi destacado, contudo, o fator que potencializou o surgimento do comunismo de forma prática que, por sua vez, foi destacado um pouco do seu *modus operandi* para se tornar hegemônico no mundo. Tendo como primeira escola a revolução russa e, com a proliferação desse sistema socioeconômico e ideológico a partir de Moscou, outras escolas foram surgindo. Exemplos: China, Vietnã, Cuba etc. Sempre, porém, sob o mesmo matiz marxista. Sobre essa influência, o censor oficial do regime vietnamita, To Huu, deixa bem claro no seu poema ao exaltar os grandes líderes "pioneiros" da revolução esquerdita:

> Viva Ho Chi Minh. O farol do proletariado! Viva Stalin, a grande árvore eterna! Abrigando a paz à sua sombra! Matem, matem de novo, que a mão não pare um minuto; para que arrozais e terras produzam arroz em abundância, para que os impostos sejam cobrados rapidamente. Para que o Partido perdure, marchemos em conjunto com a mesma energia. Adoremos o presidente Mao, o prestemos um culto eterno a Stalin (MARGOLIN, 2018, p. 678).

O principal teatro desta reflexão, apesar do prelúdio histórico supracitado, vai ser o Vietnã, nação que é mundialmente conhecida não pelo seu patrimônio cultural, no entanto, infelizmente, pela sua mais famosa guerra, que é conhecida mundialmente como a Guerra do Vietnã (1955 a 1975). Beligerância tal que foi fruto dos desdobramentos da Guerra Fria (BIAGI, 2007, p. 72) e que, segundo Courtois (2018, p. 6), morreram 1 milhão de vietnamitas nesse processo revolucionário de imposição ideológica.

Foi assim para com o país do sudeste asiático Vietnã, foi assim, sobretudo, para com o personagem real Van Thuân, que é o protagonista principal deste labor, visto que, por meio da sua resistência de vida heroica, ele tornou-se "o apóstolo do evangelho da esperança" (JOÃO PAULO II, 2002, 2). Assim, com esse diminuto prelúdio elucidativo, como já aventado, clarifica e contextualiza melhor a biografia desse personagem real que teve seu corpo violentado pelo sistema ideológico marxista. Ele, todavia, soube, por meio da graça,

salvaguardar sua saúde psicológica e espiritual por toda sorte de agrura que essa ideologia comunista foi e é capaz de fazer quando retirada do campo abstrato e aplicada na prática sobre as vidas das pessoas. Quanto a essa diferenciação abordada, veja como Courtois explana:

> Devemos, desde já, introduzir uma distinção entre a doutrina e a prática. Como filosofia política, o comunismo existe há séculos, e quem sabe, há milênios. Em razão de não foi Platão quem, em *A República*, fundou a ideia de uma cidade ideal na qual os homens não seriam corrompidos pelo dinheiro e pelo poder, na qual a sabedoria, a razão e a justiça comandariam? Não foi um pensador e estadista tão eminente quanto Sir Thomas More, chanceler da Inglaterra em 1530, autor da famosa *Utopia* e morto sob o machado do carrasco de Henrique VIII, um outro precursor da ideia dessa cidade ideal? [...]. Entretanto, o comunismo aqui abordado não se situa no céu das ideias. É um comunismo bem real, que existiu numa determinada época, em determinados países, encarnado por líderes célebres –Lênin, Stalin, Mao, Ho Chi Minh, Castro, etc. [...] Qualquer que seja o grau de envolvimento da doutrina comunista anterior a 1917 na prática do comunismo real [...], foi este quem pôs em prática uma repressão metódica, chegando a instituir, em momentos de grande paroxismo, o terror como modo de governo (COURTOIS, 2018, p. 14)

Quanto a tal diferenciação, ainda que ponderando, Courtois (2018, p. 14) não inocenta a ideologia, embora sempre haja aqueles que sustentam que o comunismo real não tem nada a ver com o comunismo ideal. Courtois vai dizer que as revoluções são como as árvores, elas são conhecidas através dos seus frutos. Já Carvalho (2014, p. 123) vai dizer que negar é o mesmo que "negligenciar os 1,2 bilhões de pessoas que ainda vivem sob a tirania comunista".

Esse eclesiástico asiático viveu sob a égide do comunismo ideológico real na sua nação nesse epicentro da história onde Ho Chi Minh foi protagonista, porém sempre apoiado por forças supranacionais para alcançar seu intento. Quanto aos méritos cristãos de Van Thuân, João Paulo II, que bem conhecia esse clérigo oriental, classificou-o, por ocasião da Missa de exéquias do próprio, como sendo – como dito – o "apóstolo do Evangelho da Esperança" (JOÃO PAULO II, 2002, 2). E assim a Igreja vai concedendo títulos aos seus representantes dignos dos altares e não faltam exemplos: Santa Teresinha, a apóstola do amor. Santa Faustina, a secretária da divina misericórdia. Van Thuân, o apóstolo da esperança etc.

Esse arauto da esperança foi um cristão exemplar por pregar os ensinamentos da Igreja destemidamente em detrimento dos muitos erros desse regime cruel e sem Deus estabelecido, de forma autoritária, na sua nação asiática. Van Thuân agiu conforme instrui a Igreja em casos de regimes assim, o CIC, por exemplo, é claro: "A Igreja rejeita as ideologias totalitárias e ateias, associadas, nos tempos modernos, ao comunismo ou ao socialismo. Por outro lado,

recusou, na prática do capitalismo[5], o individualismo e o primado absoluto da lei de mercado sobre o trabalho humano" (CATECISMO, 2425). Porém, não faltam exemplos no mundo de países subjugados por regimes assim. Quanto ao comunismo, sabendo dos seus males, por meio do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, prescreve o remédio para se curar essa ferida comuna: "a renovação da vida cristã, o exercício da caridade evangélica, o cumprimento dos deveres de justiça no plano interpessoal e social, em vista do bem comum, a institucionalização de corpos profissionais e interprofissionais" (CDSI, 2005, 92).

O fato é que a Doutrina da Igreja vem de encontro ao marxismo por razões óbvias. Muito embora, em verdade, haja hoje em dia a famigerada teologia da libertação que muito se familiariza e amalgama-se com esse viés socialista. Haja vista as declarações do ditador Fidel Castro e de Vladimir Pacika, ex-analista soviético da Academia de Ciências da extinta URSS:

> Daí declarar Fidel Castro que "a Teologia da libertação é mais importante do que o marxismo para a revolução na América Latina" e Vladimir Pacika, analista soviético da Academia de Ciências da ex URSS [sic], completava: "A teologia da libertação procura uma sincera aproximação com o marxismo. Nós a consideramos uma aliada. Assumindo o marxismo como método de análise, a Teologia da libertação estimula o seu estudo e contribui com a sua difusão no meio da população" (LIMA, 2021)

Quanto a isso, porém, Joseph Ratzinger – Bento XVI – disse na sua obra *Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo* que tal teologia marxista foi – e é – um verdadeiro desafio à Igreja (RATZINGER, 2013, p. 109) e por isso da necessidade de combatê-la diligentemente. Interessante não deixar de expor aqui a posição oficial da Igreja por meio da Congregação para a Doutrina da Fé, cujo documento – *Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação* – diz, categoricamente, que a Instrução quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerente a certas formas da TL que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do marxismo (CDF, 1984, s/n). Em suma, tudo isso são lastros pelo mundo dessa "adaptativa" ideologia que outrora também chegou, influenciou e dominou o Vietnã de Van Thuân.

Van Thuân, ainda que passando pelas perversidades em decorrência da perseguição por parte da revolução comuna, muito fez e nunca se calou, posto que ele não renegou sua fé bem como sua fidelidade à Igreja: "Somos convidados a ser pessoas que buscam e testemunham a

[5]Interessante não deixar de reforçar aqui que a Igreja especifica o capitalismo que ela condena, ou seja, o individualismo e o primado absoluto da lei de mercado. Ou seja, quanto ao capitalismo, nem tudo pode estar subordinado ao capital absoluto. Diferentemente do comunismo que é todo ele rejeitado pela Igreja.

verdade na esperança, diante de Deus e do mundo, para o bem da Igreja" (THUÂN, 2002, p. 35). "Uma Igreja que seja testemunha da esperança e do amor" (THUÂN, 2002, p. 52).

A fé desse eclesiástico estava enraizada na verdade, tanto que nem as sessões de reeducação na montanha de *Viñh-Quang* (THUÂN, 2019, p. 23) foram capazes de extraí-la dele: "No 'campo de reeducação', estávamos divididos em grupos de cinquenta pessoas; dormíamos sob o mesmo teto, onde cada um ocupava o espaço de 50 cm. Conseguimos fazer com que estivessem sempre comigo cinco católicos" (THUÂN**,** 2002, p. 136). Mas a maior prova dessa fidelidade está no seu amor à Eucaristia. Tanto que ele, independente das circunstâncias transcorridas, jamais deixou de celebrá-la – ainda que clandestinamente – e adorá-la, haja vista suas Missas clandestinas no campo de reeducação, assunto a ser melhor explorado noutro item mais adiante.

Esse dignitário sabia em quem depositava a sua esperança! (cf. Sl 55,12). Ele, por meio da sua vida ascética, mostrou que em um mundo dividido por ideologias, a esperança cristã – que tem que ser nutrida pela oração incessante independentemente das tribulações (cf. 1Tes 5,18) – é a única que pode ser o cimento para unir. A fé cristã é a única que pode iluminar esse panorama obscurecido – como diria Paulo de Tarso – por vãs filosofias (cf. Cl 2,8).

No tocante à Filosofia, desde Tális de Mileto ao mais renomado filósofo contemporâneo, todos eles dizem em uníssono que o objeto de busca dessa "amiga do saber" é a Verdade. Contudo, diante de tantas correntes ideológicas que polarizam o mundo hoje – tendo em vista a que assolou o Vietnã – e lançando um olhar humanitário, indubitavelmente não precisa nem da lógica aristotélica para concluir que ideologia que promove diásporas, genocídios e aprisionamentos jamais será o caminho para a verdade que gera vida plena. Veja o comunismo, por exemplo, *O Livro Negro do Comunismo* explica, como supracitado, sobre o comunismo ideário e o real. Sendo assim, é fato, ao se examinar a história, do que foi capaz de fazer o comunismo para se alcançar o domínio pleno bem como sua capacidade de adaptar-se – sem perder a sua essência – para manter o poder ao longo do tempo, veja:

> Os regimes comunistas erigiram, para assegurar o poder, o crime de massa como verdadeiro sistema de governo. É certo que o fim de um período de tempo variável – alguns anos no Leste Europeu ou várias décadas na URSS ou na China – o terror perdeu seu vigor, os regimes estabilizaram-se na geração da repressão cotidiana, censurando os dissidentes. Mas a "memória do terror" continuou a assegurar a credibilidade e, consequentemente, a eficácia da ameaça repressiva. Nenhuma das experiências comunistas, populares durante algum tempo no Ocidente, escapou a essa lei: nem na China do "Grande Timoneiro", nem a Coreia de Kim II Sung, nem mesmo o Vietnã do "gentil Tio Ho" ou a Cuba do flamejante Fidel, ladeado pela pureza de um Che Guevara, não se esquecendo da Etiópia de Mengistu, da Angola de Neto e do Afeganistão de Najibullah (COURTOIS, 2018, p. 14-15).

Por isso tudo que a Igreja Católica – por saber dos seus meios e fins – sempre combateu essa ideologia política[6], social e econômica ao longo da história, reverberando, por meio dos seus agentes missionários, as palavras daquele que é a personificação do objeto buscado pelos filósofos: "Eu sou a verdade, o caminho e a vida" (Jo 14,6). O fato é que o filho da piedosa Elisabeth acreditou nessa *verdade*, caminhou por esse *caminho* e viveu por essa *vida*.

Van Thuân, por todo o seu sofrimento e resiliência, entrou para os anais da história como uma das maiores personalidades do século XX. Tanto que ele é considerado um símbolo aos católicos vietnamitas e, não sem méritos, Francisco, que não falou a estranhos, indicou-o como um exemplo aos jovens do mundo (DINH, 2019). Em razão de se tratar de um legado que nunca será fadado ao ostracismo, dado que sua literatura disposta à posteridade – além de testemunhar heroicidade – muito contribui ao seu devido reconhecimento.

Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, então arcebispo de Mariana, fez o prefácio da edição brasileira – 2002 – do livro *Testemunhas da Esperança: quando o amor irrompe em situações de heroísmo e no dia-a-dia*, do autor François Xavier Nguyên Van Thuân (THUAN, 2002, p. 9-10). Nas suas considerações sinceras que fez para ensejar o livro do amigo – ele o conhecia pessoalmente – o prefaciador não deixa de exaltar, por meio de uma exígua biografia, a vivência heroica do cardeal oprimido e de dizer que, sem sombras de dúvida, trata-se de um dos maiores testemunhos do cristianismo da contemporaneidade e que foi eternizado por meio da sua obra (THUÂN, 2002, p. 11). No tocante ao livro *Testemunhas da Esperança*, ela foi fruto do retiro espiritual da Cúria Romana que fora todo ele pregado por Van Thuân a pedido do Sumo Pontífice polaco, porquanto esse Pontífice quis que no decorrer do grande Jubileu, fosse dado um lugar especial ao testemunho de pessoas perseguidas por sua fé. Quanto a isso, o cardeal William Wakefield Baum especificou quando ele escreveu a *Incarnationis Mysterium*: "cristãos que sofreram por causa da sua fé e pagaram com o próprio sangue a sua adesão a Cristo e à Igreja, ou enfrentaram com coragem longos anos de prisão e de privações de todo tipo" (BAUM, 1998, 13). Interessante não deixar de dizer aqui que o tema dessa pregação (homônimo do livro em voga), quando Van Thuân – que, humilde, se julgava inapto a palestrar sobre ciência e teologia – apresentou-o ao Papa para apreciação, o Pontífice polonês lhe deu o aval favorável, porém o Papa fez a seguinte observação ao seu singelo amigo vietnamita: "Dê seu testemunho!" (THUÂN, 2002, p. 15).

Quando esse protagonista nasceu em 1928, o Vietnã era mais uma colônia do então Império da França. Ele cresceu sem nunca conhecer o sentido pleno de liberdade civil no seu

[6]Ainda que com a corrente "teológica" da libertação no seu cerne que tive a façanha de amalgamar erroneamente cristianismo com marxismo.

país, que, deveras, estava subjugado pela França. Em 1940, muitos revolucionários vietnamitas – apoiados por forças externas comunas que capitalizavam fomentando esse movimento de libertação nacionalista (BIAGI, 2007, p. 85) – iniciaram uma guerra contra os colonizadores e, depois de quatorze anos batalhando, eles venceram a guerra e expulsaram, em 1954, os franceses (BBC NEWS MUNDO, 2021). Van Thuân, que no início dessa longeva batalha de "libertação", estava com doze anos e, ao final do conflito, com vinte e seis, em momento algum ele participou de escaramuça alguma nesse período belicoso, ele passou todo esse tempo em formação católica: seminário menor e maior. Assim, um ano antes da vitória contra os colonizadores franceses, ordenou-se padre (THUÂN, 2002, p. 9) em 1953.

Após se tornar padre, ele atuou pouco tempo nesse grau da ordem na sua Diocese de *Huê* e foi para Roma dar seguimento à sua formação, onde se especializou em CDC. Logo depois desse período de estudo em Roma, ele regressa em 1959 ao seu país natal para atuar "como professor, reitor do seminário, vigário-geral e bispo de Nha Trang" (THUÂN, 2019, p. 68). Porém sua nação estava em plena guerra civil nesse contexto histórico. Isto é, nesse horizonte beligerante, Van Thuân exercia o seu ministério como era possível e, devido a sua fidedignidade ao Magistério da Igreja e a sua capacidade pastoral (ainda que pondo em risco sua integridade física por conta de tais predicados), Roma o fez bispo em 1967, oito anos após ser ordenado presbítero católico. Assim ele assumiu a Diocese de Nha Trang – centro do Vietnã – que tinha declaradamente toda sua predileção (THUÂN, 2019, p. 11).

A guerra civil se dava por conta que depois de expulsar os colonizadores francos, o Vietnã não conseguiu sua tão sonhada liberdade, visto que o seu país fracionou-se politicamente em duas partes opostas: Vietnã do Norte e Vietnã do Sul. Este apoiado pelo Ocidente capitalista, aquele pelo Oriente comunista (situação que muito se assemelha à revolução comunista ocorrida na Coreia, fator que houve a secção definitiva da mesma). Todo o nacionalismo que outrora uniu esse país oriental à luta "libertadora" contra os colonizadores franceses, no fundo, vai dizer Margolin (2018, p. 672), não passou de um verniz de um agradável unanimismo nacional, pois, para quem não quiser ser cego, detecta facilmente um stalinismo-maoísmo muito servil em relação aos seus protótipos. No tocante à parcela católica do lado Norte, Margolin (2018, p. 678) explanam: O destino dos católicos do Norte comunista (1,5 milhão de pessoas, 10% da população total), que foram imediatamente perseguidos pós-vitória sobre os colonizadores, esse povo católico, fortemente organizado, por saber das inexoráveis práticas comunistas para com a fé cristã, aproveitaram-se da escapatória representada pela partida em massa, sob a proteção das últimas tropas francesas; pelo menos 600.000 chegaram ao Sul. O fato é que eles – Norte e Sul – passaram a guerrear entre si no

intento de uma reunificação (havendo, segundo Margolin (2018, p. 680), atrocidades de ambos os lados), ao menos, o Sul lutava pela liberdade plena), porém aplicando o regime defendido pelos vencedores. Veja abaixo o que diz Biagi:

> Com a saída da França e a divisão da península da Indochina, os Estados Unidos passaram a intervir diretamente na região, tentando fazer com que os instáveis, violentos e impopulares regimes do Vietnã do Sul pudessem se manter sem cair perante o regime comunista do Vietnã do Norte (BIAGI, 2021, p. 84).

Esse conflito atingiu um nível tão elevado que os EUA tiveram que intervir militarmente de forma direta, assim essa guerra ganhou os holofotes do mundo todo e entrou para os anais da história como a famigerada Guerra do Vietnã. Essa guerra sangrenta teve fim com a retirada das tropas norte-americanas mediante os acordos de paz assinados em Paris – janeiro de 1973 – (MARGOLIN, 2018, p. 678). Quando, porém, as tropas dos EUA retiraram-se desse país asiático, o exército vermelho de vietcongues do norte rompeu o acordo outrora firmado. Diante da conjuntura política no país ianque que impossibilitava o reenvio de tropas ao país oriental, o Norte do Vietnã aproveitou para invadir o Sul promovendo uma verdadeira carnificina. E a história prova que toda essa guerra civil promoveu chacinas do tipo:

> Durante as semanas em que o "Vietcong" controlou a antiga capital imperial de Hué, no quadro da ofensiva do Tet (fevereiro de 1968), foram mortas pelo menos três mil pessoas [...], incluindo padres vietnamitas, religiosos franceses, médicos alemães e todos os funcionários, grandes ou pequenos, que foram encontrados pela frente; alguns foram enterrados vivos, enquanto outros foram colocados para "sessões de estudo", das quais jamais regressaram (MARGOLIN, 2018, p. 680).

E foi assim que houve a unificação desse país. Assim, essa nação passou-se a chamar definitivamente República Socialista do Vietnã. A decisão do Congresso americano, em junho de 1975, de proibir qualquer novo envolvimento militar dos EUA nesse país do sudeste asiático, como diz o pesquisador Magnoli:

> Desmoralizou as promessas de Nixon a Van Thieu de reagir pela força a uma eventual violação do cessar-fogo por parte do Vietcong. Menos de um ano e meio depois, forças do Vietnã do Norte entraram vitoriosas em Saigon, encerrando a segunda guerra indochinesa. O Vietnã foi reunificado em 1976 e a cidade de Saigon, rebatizada em homenagem a Ho Chi Minh (MAGNOLI, 2013, p 414)

E foi nesse contexto de 1975 que houve o início do expurgo comunista nessa nação. Em tal perseguição, só na zona rural (lembrando que se tratava de uma nação pobre de economia

agrária), no "acerto de contas" pós-revolução comunista vietnamita, vai dizer Jean-Louis Margolin, sobre esse expurgo rural:

> Em janeiro de 1956, o órgão oficial do PC [Partido Comunista], Nhan Dan, escreve: "A classe dos latifundiários nunca se manterá sossegada enquanto não for eliminada". Como acontece ao norte da fronteira, a palavra de ordem é: "Antes dez mortos inocentes do que um só inimigo sobrevivente". [...] As baixas, dificilmente quantificáveis, são de qualquer modo catastróficas: provavelmente em torno de 50.000 execuções nas zonas rurais (excluindo qualquer combate), ou seja, de 0,3 a 0,4 da população total (estamos muito próximos da taxa média de vítimas provocadas pela reforma agrária chinesa); entre 50.000 e 100.000 pessoas teriam sido presas; estima-se em 86% a proporção de depurados nas células rurais do Partido, chegando por vezes aos 95% de exclusões entre os quadros da resistência antifrancesa (MARGOLIN, 2018, p. 677).

Porém, a perseguição expurgatória foi sobremaneira para com os que lutaram pelo Sul apoiados pelo Ocidente, tendo na Igreja Católica, com sua estrutura, uma das grandes inimigas desse regime estabelecido pela força e a barbárie (tendo em vista, segundo Courtois (2018, p. 562), o grande expurgo chinês que chacinou, na cidade de Siwanze, centenas de católicos). Por isso, os revolucionários vencedores vietnamitas confiscaram livrarias católicas, fecharam as escolas católicas; as freiras e os religiosos ligados ao ensino foram remanejados aos trabalhos nas lavouras de arroz (THUÂN, 2019, p. 13) e mais de trezentos sacerdotes – com total ausência dos seus direitos – foram presos (THUÂN, 2002, p. 137), dentre eles, Van Thuân. Contudo, esse então arcebispo, apesar desse imbróglio, assim como os discípulos Pedro e João (cf. At 5,41), ele também se sentiu digno de passar por tal opróbrio por causa do nome de Cristo. Veja em que contexto se deu a prisão desse prelado católico em 1975:

> Durante algumas breves semanas, o milhão de antigos funcionários e militares do regime de Saigon [...] eles não temeram registrar-se junto às novas autoridades. Depois, no início de junho, eles foram convocados para reeducação – "por três dias" para os simples soldados, e "por um mês" para os oficiais e altos funcionários. Na realidade, os três dias transformaram-se em três anos, e o mês em sete ou oito anos; os últimos sobreviventes "reeducados" só regressaram em 1986. Pham Van Dông, então primeiro-ministro, reconheceu, em 1980, a existência de 200.000 reeducados no Sul; as estimativas credíveis variam entre 500.000 e um milhão (numa população de cerca de 20 milhões de habitantes) (COURTOIS, 2018, p. 680).

Diante do desenrolar desse panorama caótico belicoso, a atuação de Van Thuân, que não era um alienado, foi digna de um verdadeiro paladino cristão, visto que esse representante da Igreja bem conhecia do que o comunismo era capaz de fazer por onde ele se implementou no mundo. Van Thuân era um homem instruído, ele tinha conhecimento de coisas do tipo:

> – fuzilamento de dezenas de milhares de reféns, ou de pessoas aprisionadas sem julgamento, e massacre de centenas de milhares de trabalhadores revoltados entre

> 1918 e 1922; – a fome de 1922, provocando a morte de cinco milhões de pessoas; – a execução e deportação dos cossacos da região do Don em 1920; – assassinato de dezenas de milhares de pessoas em campos de concentração entre 1919 e 1930; – execução de cerca de 690.000 pessoas por ocasião do Grande Expurgo de 1937-1938; – deportação de dois milhões de kulaks (ou supostos kulaks) em 1930-1932; – destruição por fome provocada e não socorrida de seis milhões de ucranianos em 1932-1933; – deportação de centenas de milhares de poloneses, ucranianos, bálticos, maldávios e bessarábios em 1939-1941 e, posteriormente em 1944-1945; – deportação dos alemães do Volga em 1941; – deportação-abandono dos tártaros da Criméia [sic] em 1943; – deportação-abandono dos chechenos em 1944; – deportação-abandono dos inguches em 1944; [...] – lenta destruição dos tibetanos pelos chineses, desde 1950 etc. (COURTOIS, 2018, p. 22).

Ele, que há muito já previra (por conhecer a história e estar atento à realidade) a iminência do controle total comunista na sua nação, trabalhou incansavelmente, quando gozava de liberdade, para preparar a sua Igreja Local para enfrentar esses tempos difíceis, visto que a repressão para com a religião é praxe de dominação comuna por considerá-la um anestésico utilizado pela classe dominante para subjugar a classe oprimida (MARX, 2019, p. 13-14). Esse pastor da Igreja vietnamita sabia das atrocidades ocorridas na Rússia (e também China) há poucas décadas. Ele sabia como funcionava o processo de recrudescimento de terror dominante comuna. Para se ter uma ideia, aqui vale a pena citar – uma vez mais (para que não restem dúvidas dos métodos nefastos de consolidação) – as instruções de Lenin contidas em uma carta oficial endereçada, em 19 de março de 1922, ao Politburo. Em tal epístola documento, o líder soviético foi taxativo ao instruir como seu exército deveria agir para conter a contrarrevolução na região de Chuia. Lenin ordenou o confisco de todos os bens da igreja ortodoxa na região de Chuia e como se deveria agir para com os clérigos que se opusessem, naquilo que ele chamou de "golpe mortal na cabeça do inimigo" (igreja ortodoxa): "quanto maior for o número de clérigos e da burguesia reacionária que forem executados, melhor será para nós. Devemos dar, imediatamente, uma lição a todas essas pessoas, de tal modo que eles nem sequer imaginem qualquer tipo de resistência durante várias décadas...". Como resultado prático dessa espoliação, foram executados em 1922: 2.691 padres, 1.962 monges e 3.447 freiras (WERTH, 2018, p. 154-155). Como resultado de tanta perseguição assim, tempos depois:

> número de seus lugares de culto e de seus servidores conheceu, diante da pressão constante das autoridades, uma diminuição clara, mesmo se, como o recenseamento anulado de 1937 iria demonstrá-lo, 70% dos adultos continuavam a dizer-se crentes. Em 1º de abril de 1936, não restavam mais que 15.835 igrejas ortodoxas em atividade (28% do número de antes da revolução) [...], algumas dezenas de Igrejas Católicas e protestantes. (WERTH, 2018, p. 210).

Em suma, ciente do *modus operandi* de dominação comunista, ele sabia que perseguições religiosas do tipo eram iminentes no seu país. Não por acaso, esse "apóstolo do

evangelho da esperança" buscava – para fortificar o bastião cristão de luta por enxergar os acontecimentos circunvizinhos – aumentar o número de seminaristas maiores, de 42 a 147, em 8 anos; de 200 seminaristas menores para 500 em 4 seminários; formação permanente de padres de 6 Dioceses da Igreja metropolitana de *Huê*; desenvolver e intensificar a formação de novos movimentos de jovens; de leigos e de conselhos pastorais etc. (THUÂN, 2019, p. 21-22). Por isso e mais, que Paulo VI, que acompanhava a situação da Igreja nesse país, em 1975, elevando-o a arcebispo coadjutor da Arquidiocese de *Saigon* (THUÂN, 2002, p. 9), função que ele exerceu apenas por três meses na prática, pois, após ele ascender ao arcebispado, o que ele previra outrora aconteceu, em outras palavras, o regime comuna estabeleceu-se em todo o Vietnã. Tal governo provisório comunicou-lhe que "essa nomeação [para arcebispo] era fruto de um complô entre o Vaticano e os imperialistas para organizar a luta contra o regime comunista" (THUÂN, 2019, p. 11-12), daí da sua prisão em caráter profilático que se estendeu por longos 13 anos.

O então arcebispo "destituído", ainda que muito sofrendo por contas das incertezas que o tomavam diante da situação do sistema ideológico que acabara de agrilhoá-lo (aqui é um fato importante que foi marcante na vida desse homem da Igreja), enquanto estava sendo conduzido à prisão, ele rememora um pensamento de um bispo missionário chinês (John Walsh) preso por doze anos pelo comunismo na China, que o alentou e inspirou-o durante esse momento de dúvidas: "Passei metade de minha vida a esperar" (THUÂN, 2019, p. 12). Com base nesse exemplo do seu colega de episcopado, Van Thuân, a princípio, decidiu: "Não esperarei. Vivo o momento presente, enchendo-o com amor" (THUÂN, 2019, p. 12). Porém, ele destaca que não se trata de uma epifania repentina, mas foi uma convicção que ele amadureceu durante toda a vida (THUÂN, 2019, p. 12). Quanto a isso, não se trata de um paradoxo à espiritualidade do cardeal que será mais desenvolvida e aflorada nessa conjuntura de reclusão, porque ele quis dizer que não esperaria inerte, no entanto vivendo o amor cristão enquanto aguardava na esperança cristã. Todo esse momento de tensão enfrentado por ele pode ser contemplado em uma oração que ele mesmo redigiu quando chegou à residência obrigatória em Cây-Vông (Nhantrang, Vietnã central) em 16 de agosto de 1975, acompanhe:

> Jesus, ontem à tarde, festa da Assunção de Maria, fui detido. Transportado durante a noite de Saigon para Hhatrang, quatrocentos e cinquenta quilômetros de distância entre dois policiais, comecei a experiência de uma vida de encarcerado. Quantos sentimentos confusos na minha cabeça: tristeza, medo, tensão, meu coração dilacerado por estar distanciando de meu povo. Humilhado, recordo a palavra da Sagrada Escritura: "Foi contado entre os malfeitores – *et cu miniquis deputatus est*" (Lc 22,37). Atravessei de carro as minhas três dioceses, Saigon, Phanthiet, Nhatrang: com tanto amor a meus fiéis, mas nenhum deles sabia que o seu Pastor

> estava passando pela primeira etapa de sua via-sacra. Mas nesse mar de extrema amargura, sinto-me mais do que nunca livre. Não tenho ninguém comigo, nem uma moeda, só o meu rosário e a companhia de Jesus e de Maria. Na estrada do aprisionamento rezei: "Meus Deus e meu tudo". Jesus, enfim posso dizer como São Paulo: "Eu Francisco, por causa de Cristo, estou na prisão – *ego Franciscus, vinctus Jesus Christi pro vobis* (Ef 3,1). Na escuridão da noite, no meio deste oceano de ansiedade de pesadelo, pouco a pouco me desperto: "Devo enfrentar a realidade". "Estou preso, se espero o momento oportuno para fazer alguma coisa verdadeiramente grande, quantas vezes na vida se apresentarão semelhantes ocasiões? Não, agarro as ocasiões que se apresentam a cada dia, para realizar ações ordinárias de modo extraordinário". Jesus, não esperarei, vivo o momento presente, enchendo-o com amor". A linha reta é feita de milhões de pequenos pontos unidos um ao outro. Também a minha vida é feita de milhões de segundos e de minutos unidos um ao outro. Coloco em ordem cada ponto e a linha será santa. Vivo com perfeição cada minuto e a vida será santa. O caminho da esperança é calçado com pequenos passos de esperança. Como tu, Jesus, que fizeste sempre o que agrada a teu Pai. A cada minuto eu quero dizer-te: Jesus, eu te amo, a minha vida é sempre uma "nova e eterna aliança" contigo. A cada minuto quero cantar com toda a Igreja: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo... (THUÂN, 2019, p. 17-18-19).

Prova dessa fé foi que François Xavier Nguyên Van Thuân seguia evangelizando sempre que surgia uma oportunidade. Foi assim quando estava recluso com mais 1500 de outros presos famintos e desesperados no porão de um navio quando estava sendo transferido para o Vietnã do Norte (THUÂN, 2002, p. 85-86). Foi assim quando celebrava escondido a Eucaristia (THUÂN, 2002, p. 136). Foi assim nos momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento (THUÂN, 2002, p. 137) etc. Em outros termos, cela alguma, por mais lúgubre que fosse, jamais seria capaz de pará-lo ou calá-lo.

1.2 O calabouço que não foi capaz de calá-lo

Depois da sua promoção arcebispal para atuar como coadjutor em *Saigon*, o doravante arcebispo Francois X. N. Van Thuân, no dia 15 de agosto de 1975, foi intimado a comparecer ao Palácio da Presidência e lá foi sumariamente detido para ficar à mercê do bel-prazer ideológico dos seus algozes. Nesse mesmo momento, todos os sacerdotes, religiosos e religiosas foram convocados a comparecer ao Teatro da Ópera, a fim de evitar qualquer tipo de reação por parte do povo (THUÂN, 2002, p. 27). Ele foi transferido de prisão – foram cerca de trezentos sacerdotes presos (THUÂN, 2002, p. 137) – meses depois da sua reclusão profilática. Segue abaixo o relato do episódio narrado pelo próprio:

> No dia 1º de dezembro de 1976, às 21h, sou "convocado" de improviso, juntamente com alguns outros prisioneiros. Algemados um ao outro, de dois em dois, fazem-nos subir num caminhão. Uma breve viagem leva-nos a Tang-Cang (Newport) [...]. Diante de nós vemos um navio completamente no escuro. Somos embarcados para irmos rumo ao Norte – uma viagem de 1700Km. Sou levado, juntamente aos demais prisioneiros, para o porão do navio, onde se carregava carvão. Há somente uma

> pequena lamparina a querosene, e o resto é uma escuridão total. Somos mil e quinhentas pessoas, em condições indescritíveis. [...] Passo aquela noite angustiado. No dia seguinte, quando alguns raios de Sol penetraram no porão do navio, vislumbrei ao meu redor os rostos tristes e desesperados dos outros prisioneiros. Parecia que estávamos num funeral. Um deles tentou enforcar-se com um cabo de aço. Os outros me chamaram. Falei com ele. Finalmente me escutou. [...] Durante aquela viagem, quando os prisioneiros ouviram dizer que o bispo Van Thuân estava também ali, aproximaram-se de mim para relatarem as próprias angústias. Passavam as horas... e eu o dia todo a compartilhar das suas angústias e a confortá-los. Passei os três dias de viagem procurando animar os meus companheiros de prisão e meditando sobre a paixão de Jesus (THUÂN, 2002, p. 85-86).

Esse clérigo confidenciou na obra *Cinco Pães e Dois Peixes*, que via nesses prisioneiros o povo que Deus lhe deu para cuidar e, por isso, ele deveria assegurar a presença de Deus no meio desses irmãos desesperados e miseráveis. Desde esse momento, ele disse que uma paz o acompanhou pelos longos treze anos de cárcere... (THUÂN, 2019, p. 25-26). Só um adendo aqui para dizer que essa práxis de intolerância contra a religião cristã sempre foi método de dominação mundial. Seja pelo comunismo ou por fatores outros. Hodiernamente não é distinto. Quanto a isso, Felipe Aquino discorre sobre o que tem acontecido no Oriente:

> Para se ter uma ideia da perseguição que a Igreja sofre no Oriente, coloco aqui a notícia dada pela fonte "Portas Avertas" – (25.01.2007), o Governo de Mianmar pretende eliminar o cristianismo do país. O vazamento de um documento de um documento secreto revelou planos do regime birmanês de eliminar o cristianismo do país. O documento, intitulado "Programa para destruir a religião cristã em Burma" foi mostrado ao jornal britânico "Telegraph" por grupos de direitos humanos. No documento estavam inscrições detalhadas de como forçar os cristãos a sair do país, de acordo com o jornal. As instruções incluíam a prisão de qualquer pessoa flagrada evangelizando, aproveitando o fato de que o cristianismo é uma religião não violenta. "A religião cristã é muito pacífica", lia-se no documento, de acordo com o "Telegraph". "Identifique e utilize seu ponto franco". A perseguição contra os cristãos no país acontece sob a forma de igrejas queimadas, conversões forçadas ao budismo (religião oficial do país) e a expulsão dos filhos de cristãos das escolas. No ano passado, estima-se que 27 mil membros da tribo *Karen* predominantemente cristãs, foram forçadas a abandonar suas casas, no leste de Mianmar, segundo informou o jornal britânico. O governo de Mianmar expulsou a maioria das missões cristãs do país em 1966 e o repressivo regime militar continua hoje em dia a controlar as atividades religiosas no país. E perseguição desse tipo acontece hoje em dia na Índia, China, Indonésia, Paquistão, Arábia Saudita, Irã, e outros países (AQUINO, 2009, p. 282-283).

Veja, por exemplo, o que tem acontecido na China que vem perseguindo a Igreja Católica chinesa[7]. Vale lembrar sempre que a "revolução cultural" chinesa, para chegar ao patamar que chegou, foram nada menos que 65 milhões de mortes (COURTOIS, 2018, p. 16). Segue abaixo um exemplo que a China não está disposta a mudar sua práxis, sobretudo no

[7]Apesar do criticado acordo diplomático que o Papa Francisco fez com o Partido Comunista da China, no qual esse Papa progressista passa a reconhecer a Igreja fiel ao Partido Comunismo chinês (VATICAN NEWS, 2020).

tocante à perseguição religiosa a toda e qualquer religião que primeiramente preste obediência ao Governo Ditador sino. Sobre isso, veja o que diz Rafael Salvi:

> O bispo de Xinjiang, Monsenhor Giuseppe Zhang Weizhu, e mais 10 padres foram levados a um hotel, isolados e estariam sendo submetidos a "reeducação política" de acordo com os princípios do Partido Comunista Chinês, informou o portal Asia News. Mons. Weizhu, de 63 anos, é bispo da diocese de Xinjiang, reconhecido pela Santa Sé, desde 1991, mas o governo chinês não o reconhece. Isso o tornaria um "criminoso" pelas leis chinesas. O bispo Zhang e seus padres foram presos em 20 e 21 de maio em uma grande operação policial envolvendo 100 policiais. Dez seminaristas também teriam sido presos, mas depois de liberados pela polícia e proibidos de continuar os estudos de teologia. Na China, os Novos Regulamentos sobre Atividade Religiosa permitem atividades religiosas (incluindo escolas de teologia) apenas em instituições registradas e controladas pelo governo. O Vaticano ainda não confirmou nem comentou o caso (SALVI, 2021).

Foi por meio de repressão assim que o recém-arcebispo Van Thuân foi levado à prisão onde lá amargou mais de uma década de prisão política-ideológica, sendo nove anos deles em isolamento num ambiente insalubre em que ele o descreve como uma tortura mental, porquanto a cela era um vazio absoluto. Ele, sem poder trabalhar para ocupar a mente, caminhava dentro do cubículo de manhã às nove e meia da noite para não ser destruído pela artrose. Ele narra que tudo estava no limiar da loucura (THUÂN, 2019, p. 23). Mas ainda que muito sofrendo nessa situação cronológica nada efêmera, esse pastor d'almas asiático mostrou que tudo se pode suportar, fazendo jus às palavras do Mestre provindo de Nazaré da Galileia: "Tudo pode ser mudado pela força da oração" (cf. Jo 14,14). Nos anos de solitária na prisão, ele deu o exemplo de fé viva e de amor total a Jesus e à sua Igreja Católica. Ele foi um homem de intensa vida de oração, em razão de ele rezava pelo seu povo e, em especial, por aqueles que o tinham aprisionado (THUÂN, 2002, p. 9). Isso foi confidenciado por dom Luciano, prefaciador da obra *Testemunhas da Esperança*. Percepção que é endossada pelo cardeal católico Turkson: "Pode-se dizer que o cardeal Van Thuân foi um homem de oração, especialmente através da sua vida e dos seus livros" (VATICAN NEWS, 2019).

O fato é que o calabouço não foi capaz de calá-lo. Esse clérigo cristão fez do seu sofrimento de cela uma das mais belas alquimias cristãs, dado que ele vivenciou na prática aquilo que ensinara na teoria quando era seminarista, presbítero e bispo, melhor dizendo, o agora arcebispo presidiário passou a ser testemunha viva do Evangelho. Van Thuân, no seu próprio "Gueto de Varsóvia", resistiu, não com armas, entretanto com amor, em razão de mostrou como amar seu inimigo e jamais abandonar a esperança cristã que tem que ser nutrida pela ascese. Esse encarcerado tinha plena compreensão das consequências do que disse Jesus: "por causa de mim" (cf. Mc 8,35).

Um exemplo de pastor que contagiava a todos que tomavam conhecimento da sua vida, tanto que os mesmos carcereiros que, no princípio, negavam-lhe um remédio dizendo que ali não era lugar de fazer caridade nem amor, só responsabilidade (THUÂN, 2019, p. 53), esses mesmos algozes – já cativados por tal *kerigma* – perguntavam-lhe quando oportuno: "Existe realmente Deus? Jesus? Ou é uma superstição? Uma invenção da classe opressora?" (THUÂN, 2002, p. 27). Oportunidade que o humilde preso procurava dar catequeses compreensíveis, ou seja, sem usar terminologias escolásticas (plenas de conceitos teológicos e filosóficos complexos), mas com as palavras simples do Evangelho (THUÂN, 2002, p. 27). Assim, todos os guardas que foram designados para vigiá-lo acabavam "contaminados" com o carisma altruísta do piedoso preso que evangelizava, *a priori*, querigmaticamente – quase que como um "avox" – pelo exemplo de vida evangélica e, *a posteriori*, quando possível, catequizava com discursos singelos de acordo com o momento. Tal método deu tão certo, que o vínculo entre eles foi tão intenso que todos eles se tornaram alunos de idiomas do ilustre mestre preso. Gesto que faz jus ao que escreveu Antoine de Saint-Exúpery na sua obra clássica *O Pequeno Príncipe*: "se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro" (SAINT-EXÚPERY, 2009, p. 66). Já Van Thuân disse sobre: "Não posso dizer quanto e comovente é escutar todas as manhãs um policial comunista descendo a escada de madeira, pelas 7 horas, para fazer ginástica, e depois de lavar-se, cantando o *Veni Creator* na prisão" (THUÂN, 2019, p. 54-56). Thuân (2002, p. 90) inspirou-se em Paulo para justificar tal entrega e dedicação:

> Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus [...]. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a lei – ainda que não viva sem a Lei de Deus, em razão de que estou sob a lei de Cristo [...]. Tornei-me tudo para todos [...]. E isto tudo eu faço por causa do Evangelho (1Cor 9,19-23) (THUÂN, 2002, p. 90).

Esse dignitário eclesiástico, em verdade, pelo seu legado de vida, pode-se dizer, guardadas as devidas importâncias, que ele se assemelha a João que fora recluso na Ilha de Patmos (cf. Ap 1,9). Assim como São João redigiu enquanto estava encarcerado com o intuito de seguir apascentando a Igreja universal (São Paulo idem), Van Thuân também seguia fazendo o mesmo – sobretudo pelo exemplo de Paulo que escrevia cartas na prisão (THUÂN, 2019, p. 13) – por meio dos seus escritos para cuidar do seu pequeno rebanho do qual ele muito se recordava com saudades diante de toda essa situação: "As páginas foram escritas durante a noite, na cela, em pequenos pedaços de papel, entregues a quem pudesse confiar" (THUÂN, 2002, p. 9). Mas quis Deus que seus escritos transcendessem as fronteiras

limítrofes da sua Igreja Local, da sua nação, do seu Continente do Oriente para virar uma necessária catequese ao mundo atual “tão complexo e tão carente de salvação” (THUÂN, 2002, p. 143). Fazendo literalmente jus àquele que foi o seu exemplo de vida, Paulo de Tarso. Sobre os méritos desse “apóstolo dos gentios”, discorreu sobre os seus predicados evangélicos, o seu contemporâneo, o Padre da Igreja, Clemente Romano, esse quarto Papa da Igreja disse que o apóstolo dos gentios foi sete vezes acorrentado, exilado, apedrejado, missionário no Oriente e no Ocidente, recebeu a ilustre glória por sua fé. Ensinou a justiça no mundo todo, dando testemunho diante das autoridades. Assim, deixou o mundo e foi buscar o lugar santo, ele, que se tornou o mais ilustre exemplo da paciência (ROMANO, s/d., p. 5).

Treze anos depois, graças a um acordo diplomático feito entre o Governo do Vietnã e o Vaticano, com grande protagonismo do Papa João Paulo II. O arcebispo prisioneiro foi libertado em 1988. Porém, no início da década de noventa do século passado, ele foi exilado no Vaticano pelo Governo da República Socialista. Desterro esse que muito o fez sofrer uma vez que ele nunca mais pôde regressar à sua nação querida.

1.3 A dor de Van Thuân causada pelo exílio

Em 1991 ele foi para Roma e proibido de voltar ao seu país pelo governo socialista, assim ele nunca mais pôde regressar ao seu país natal. No exílio, ele – com toda a sua humildade explicitada na sua cruz peitoral feita ilegalmente na prisão (onde ele a escondia em um pedaço de sabão quando preso) e que permaneceu consigo até o fim da sua vida (THUÂN, 2019, p. 56) – seguiu servindo à Igreja, junto a sede de Pedro, “mergulhado no trabalho, nos compromissos por vezes fatigantes” (THUÂN, 2002, p. 57). Múnus que ele realizou com a mesma fidelidade e dedicação de sempre por onze anos, principalmente dando testemunho do que viveu na sua terra natal, porém sem expressar mágoas e traumas, muito pelo contrário, ele pregava a reconciliação segundo a esperança cristã. Não por acaso, tempos depois, assumiu a Presidência de uma importante Instituição no Vaticano. Esse degredado asiático exerceu “primeiro como Vice-presidente e depois como Presidente do Pontifício Conselho ‘Justiça e Paz’" (JOÃO PAULO II, 2002, 1). Posição em tal Discatério que alçou sua voz ainda mais e assim ele muito lutou pela paz no mundo.

Esse prelado em voga pode ser considerado uma das grandes testemunhas do empenho cristão na luta pelos direitos humanos no século XX. Mas a grande força de seu testemunho é a sua capacidade de cultivar o amor e a esperança nas situações mais difíceis – predicado que fez com que ele se tornasse um marco de vida cristã para todos – não à toa, como supracitado,

Francisco o indicou como exemplo para os jovens (DINH, 2019). Contudo, como ele abre perspectivas de santidade para nossos dias em decorrência do seu testemunho de fé (THUÂN, 2002, p. 9), ele pode ser considerado um exemplo a todas as gerações da Igreja, afinal de contas o CIC (828) ensina que santo é um exemplo a ser seguido.

Em 21 de fevereiro de 2001, vinte e seis anos depois de se tornar arcebispo da Igreja Local vietnamita, o Vigário de Cristo, o Sumo Pontífice João Paulo II, fez dele mais um membro do colégio de cardeais (THUÂN, 2002, p. 9), cujo lema de cardinalato escolhido por esse purpurado muito diz de toda a sua vida pregressa: *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança). Um ano depois de entrar para o colégio cardinalício, o altruísta François-Xavier Nguyên Van Thuân, 74 anos de idade, acometido de um severo câncer, faleceu, muito longe de sua pátria querida com fama de santidade atestada pela sua vida inquestionavelmente heroica no dia 17 de setembro de 2002.

Van Thuân, que por tantas vezes recebeu do povo Missas de sufrágio por pensar que ele estivesse morto e não preso (THUÂN, 2002, p. 15), agora, por ocasião do seu real funeral, João Paulo II, durante a sua homilia na Missa de exéquias de tão dignitário eclesiástico defunto, proferiu as belas palavras de sufrágio à altura do que foi a vida virtuosa do seu amigo asiático vietnamita falecido acometido de um terrível câncer que aniquilou seu corpo:

> 1. *"A sua esperança está repleta de imortalidade"* (cf. *Sb* 3,4). Estas consoladoras palavras do Livro da Sabedoria convidam-nos a elevar, *à luz da esperança*, a nossa oração de sufrágio pela alma eleita do saudoso Cardeal François-Xavier Nguyên Van Thuân, que levou toda a sua vida precisamente sob o sinal da esperança. Sem dúvida, a sua morte amargura todos quantos o conheceram e amaram: os seus familiares, em particular a sua mãe, a quem renovo a expressão da minha afectuosa [sic] proximidade. Em seguida, penso na querida Igreja que está no Vietname, que o gerou para a fé; e penso inclusivamente em todo o povo vietnamita, que o venerando Purpurado recordou de maneira expressa no testamento espiritual, afirmando que sempre o amou. Chora a morte do Cardeal a Santa Sé, a cujo serviço ele dedicou os seus últimos anos, primeiro como Vice-Presidente e depois como Presidente do Pontifício Conselho "Justiça e Paz". Também neste momento parece que ele está a dirigir a todos o seu persuasivo *convite à esperança*. Quando durante o ano de 2000, lhe pedi que preparasse as meditações para os Exercícios Espirituais da Cúria Romana, ele escolheu como tema: "Testemunhas da esperança". Agora que o Senhor o provou "como o ouro no cadinho" e o julgou agradável "como um holocausto", podemos verdadeiramente dizer que "a sua esperança estava repleta de imortalidade" (cf. *Sb* 3,4.6). Ou seja, estava cheia de Cristo, vida e ressurreição daqueles que nele confiam (JOÃO PAULO II, 2002, 1).

O Papa confidenciou, nessa mesma ocasião de rito fúnebre, que se perguntava donde viriam a paciência e a coragem que o caracterizaram diante de todos os tormentos que ele passou por conta da perseguição ideológica, para lembrar que Van Thuân dizia não se tratar de heroísmo, mas de fidelidade amadurecida, voltando a olhar para Jesus, modelo de cada testemunha e de todos os mártires (JOÃO PAULO II, 2002, 3). Ambos eram amigos. Na obra

Testemunhas da Esperança, pode ser percebida tal proximidade, admiração e gratidão recíproca, dado que, por diversas vezes, o Papa polaco é citado na obra pelo escritor grato.

Com intuito de elevar esse purpurado às honras dos altares, foi aberto o processo de beatificação dele no ano 2021 e que ainda segue o trâmite legal e necessário à aprovação, porém, já encerrado, em 2013, a fase diocesana desse processo, com direito a discurso do então Papa latino-americano, por ocasião da homilia de João Paulo II de atribuição do título de doutora da Igreja a santa Teresinha do menino Jesus, disse o Papa oriundo da Argentina:

> Estou feliz por me encontrar convosco e dou-vos cordiais boas-vindas. Saúdo com afeto o Cardeal Peter Turkson, e agradeço-lhe as suas palavras. Saúdo o Cardeal Law e todos vós, que viestes de muitas regiões do mundo por ocasião do encerramento da fase diocesana da causa do Servo de Deus Cardeal François-Xavier Nguyên Van Thuân. Caros amigos, a vossa alegria é também minha! Demos graças a Deus! E agradeçamos também a todos aqueles que se comprometeram neste serviço, que é para a glória de Deus e para o seu Reino: o Postulador da causa, Doutor Waldery Hilgeman e os seus colaboradores, o Tribunal diocesano e o Departamento competente do Vicariato, a Comissão histórica e o próprio Pontifício Conselho «Justiça e Paz», onde a recordação do Cardeal Van Thuân, testemunha da esperança está sempre viva, e mais do que uma lembrança, é uma presença espiritual que continua a trazer a sua bênção. Com efeito, são muitas as pessoas que podem testemunhar que foram edificadas pelo encontro com o Servo de Deus François-Xavier Nguyên Van Thuân, nos vários momentos da sua vida. A experiência demonstra que a sua fama de santidade se difundiu precisamente através do testemunho de muitas pessoas que o encontraram e conservaram no coração o seu sorriso manso e a grandeza do seu espírito. Muitos o conheceram também através dos seus escritos, simples e profundos, que mostram o seu espírito sacerdotal, profundamente unido Àquele que o tinha chamado a ser ministro da sua misericórdia e do seu amor. Muitas pessoas escreveram, descrevendo graças e sinais atribuídos à intercessão do Servo de Deus Cardeal Van Thuân. Demos graças ao Senhor por este venerado Irmão, filho do Oriente, que concluiu o seu caminho terreno ao serviço do Sucessor de São Pedro. Confiemos à intercessão da Virgem Maria a continuação desta causa e de todas as outras actualmente [sic] em curso. Nossa Senhora nos ajude a viver cada vez mais na nossa vida a beleza e a alegria da comunhão com Cristo. A todos vós e aos vossos entes queridos, concedo de coração a minha bênção. Obrigado! (PAPA FRANCISCO, 1997, s.n.).

Por fim, o Sumo Pontífice João Paulo II, por ocasião da Missa de exéquias, confidenciou a toda a Igreja o que ouviu do dignitário: “no abismo dos meus pensamentos, jamais cessei de amar a todos, sem excluir ninguém do meu coração” (JOÃO PAULO II, 2002, 4). Em verdade, tal relato prova o quão esse personagem estava amadurecido na fé cristã. Ele, com seu testemunho de vida ascética, também dizia que todos são convidados a ser pessoas que buscam e testemunham a verdade na esperança, diante de Deus e do mundo, para o bem da Igreja (THUÂN, 2002, p. 35). Ou melhor, ele foi um clérigo católico que teve toda a sua vida dedicada à evangelização em obediência ao imperativo de Jesus, sobretudo na difusão do “evangelho da esperança”.

2 A ORAÇÃO COMO ESCOLA DE ESPERANÇA NO TESTEMUNHO DO CARDEAL FRANÇOIS XAVIER NGUYÊN VAN THUÂN

A Igreja adjetiva, como vida heroica, todo cristão que vive as virtudes cristãs exemplarmente. As três teologias: fé, esperança e caridade (CATECISMO, 1813). Bem como os quatro cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança (CATECISMO, 1805). Quando se examina a vida de Van Thuân, sobretudo a sua vida sacerdotal que foi toda ela sob a atmosfera de perseguição ideológica marxista, é possível perceber, a olhos vistos, a bem vivência de todas essas virtudes em detrimento do regime opressor imposto pela força e a barbárie no seu país.

Tal predicado desse prelado jamais passou despercebido à Igreja Católica, tanto que João Paulo II – que também conhecia, sem igual, a engenharia do regime comunista que fora também imposto na sua Polônia (pós-derrocada do regime nazista) (RICCARDI, 2011, p. 145) e durante o seu longevo pontificado (RICCARDI, 2011, p. 358-359) – disse exaltando toda a vida pregressa do pastor d'almas asiático por ocasião da Missa de exéquias do defunto amigo: "Somente com o sacrifício de si mesmo é que o cristão contribui para a salvação do mundo. E foi assim para o nosso venerável Irmão Cardeal. Ele deixa-nos, mas o seu exemplo permanece" (JOÃO PAULO II, 2002, 5).

Todavia, quando se volve os holofotes que iluminam a história à vida desse ilustre personagem, por meio dos seus ricos escritos "com repercussões muito positivas num leque de leitores que vai do homem simples ao dignitário eclesiástico" (THUÂN, 2002, p. 7), conclui-se que dentre todas essas virtudes cristãs vividas por ele, a segunda virtude teologal foi gritante na sua vida a olhos vistos. Tanto é verdade isso que também Bento XVI reconhece tal qualidade nele, não por acaso, esse Pontífice a expressou na sua *Spe Salve*, toda ela dedicada à esperança cristã, carta encíclica essa que muito tem de inspiração na vida heroica de tão eminente personagem oriental. Acompanhe:

> Durante 13 anos de prisão, numa situação de desespero aparentemente total, a escuta de Deus, o poder falar-Lhe, tornou-se para ele uma força crescente de esperança, que, depois da sua libertação, lhe permitiu ser para os homens em todo o mundo uma testemunha da esperança, daquela grande esperança que não declina, mesmo nas noites da solidão (SS 32).

Sobre a razão dessa esperança, o evangelista Matheus outrora profetizou: "E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20). Mas como seria essa consumação? O Livro do Apocalipse diz como será: "Nunca mais haverá morte, nem

luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram. Haverá um céu novo e uma nova terra (cf. Ap 21,4.1). Van Thuân indubitavelmente foi testemunha dessa esperança nos nossos tempos. Não por acaso que João Paulo II, na sua homilia exequial, intitulou-o como "o apóstolo do Evangelho da Esperança" (JOÃO PAULO II, 2002, 2).

A esperança é fundamental na *Ecclesia*. Aqui vale abrir um exíguo hiato para destacar o que os últimos Pontífices discorreram sobre ela. O breve Papa Paulo I encontrou tempo e ensinou: "é uma virtude obrigatória para todo cristão" (Audiência Geral, 1978). João Paulo II, na *Tertio Millennio Adveniente*, não deixou de fazê-lo em seu longevo papado: "por um lado impele o cristão a não perder de vista a meta final que dá sentido e valor à sua existência inteira, e por outro oferece-lhe motivações sólidas e profundas para o empenhamento quotidiano na transformação da realidade a fim de a tornar conforme ao projeto de Deus" (TMA 46). Bento XVI dedica toda uma encíclica à esperança, a *Spe Salvi*. "A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente (SS 1).

Se perguntar ao mundo esclarecido para definir esse representante da Igreja Católica Apostólica Romana oriental em uma das sete virtudes da Igreja, decerto seria unânime em dizer: a esperança! Esse clérigo perseguido de vida ascética incorporou tal virtude teologal sobremaneira à sua vida que se desenvolveu uma espiritualidade na vida dele (CATECISMO, 2684), prova disso é que em todos os seus livros, pregações, palestras etc. ele aborda sobre essa temática. Basta ver a pregação – que para ele foi a mais significativa da vida dele, ministrada, por exigência do Pontífice – ao retiro da Cúria Romana por ocasião da virada do segundo milênio, cujo tema foi *Testemunhas da Esperança*, no qual ele conta toda a sua vida pregressa, sobretudo da experiência prisional em tempos de perseguição do regime vigente em seu país natal Vietnã. Segue o relato do mesmo:

> Vinte e quatro anos atrás jamais teria imaginado que um dia, exatamente na mesma data, concluiria a pregação de um retiro no Vaticano. Vinte e quatro anos atrás, ao celebrar a missa com três gotas de vinho e uma gota d'água na palma da mão, nunca teria pensado que o Santo Padre hoje me ofereceria um cálice dourado (THUÂN, 2002, p. 16).

Dizer que esse pastor de almas asiático, pelo conjunto da obra, foi um homem comum, isso não condiz com a verdade, visto que seus feitos bradam por si, tanto que foram referendados por toda a Igreja Católica. João Paulo II disse na sua homilia fúnebre: "ele deixa-nos, entretanto seu exemplo permanece" (JOÃO PAULO II, 2002, 5). Percepção que

coaduna com a do seu sucessor Bento XVI que disse, na *Spe Salvi*, que o cardeal morto era inesquecível por tudo que fez à Igreja (SS 32).

Esse eclesiástico alcançou tal reconhecimento não sem méritos, porquanto, ao examinar a vida dele, conclui-se que, em verdade, ele teve uma vida exemplar por viver uma vida heroica com base na vivência das virtudes cristãs. Afinal de contas, foram treze anos de prisão, sendo nove anos deles em isolamento em um cárcere lúgubre e totalmente insalubre. Ainda que vivendo, porém, as penúrias próprias de um "presidiário político", ele nunca deixou fenecer sua esperança cristã. Espera essa que era fomentada por sua vida de muita oração. Com isso, ele provou que a oração é uma importante escola de esperança cristã.

2.1 A esperança cristã em tempos de cárcere

Van Thuân foi, em verdade, um padre fiel à Igreja no exercício do seu tríplice múnus que jamais se deixou levar pelo relativismo religioso que diminui o papel da Igreja ("Cristo sim, Igreja não") por não enxergar o liame que existe entre Jesus e a sua Esposa (THUÂN, 2002, p. 143). Ele, por exemplo, organizou, em sua diocese, várias iniciativas à evangelização dos não-cristãos para trazê-los à Igreja de Cristo (THUÂN, 2002, p. 86). Ele, sem dúvidas, foi um exemplar pastor da Igreja, ainda que em um ambiente anticlerical que foi em um Vietnã subjugado por um sistema ideológico. Nesse ambiente opressivo, muitos foram os tormentos que esse personagem eclesial foi submetido nesse imbróglio revolucionário. Ele, não obstante, enfrentou com coerência, heroísmo e fé cada momento com sua esperança inabalável, tudo isso demonstrando no seu ministério. Não por acaso, João Paulo II – como já dito – perguntava-se donde viriam a paciência e a coragem que o caracterizaram. No que o humilde ex-detento ordenado dizia não se tratar de heroísmo, mas de fidelidade amadurecida, voltando o olhar para Jesus, modelo de cada testemunho e de todos os mártires (THUÂN, 2002, p. 7).

Com essa fidelidade maturada, esse sacerdote mostrou-se estar pronto a responder a São Pedro quando o protopapa disse na sua primeira Carta: "Portanto, não temais as suas ameaças e não vos perturbeis. Antes, santificai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança, mas fazei-o com suavidade e respeito" (1Pd, 3,15). Esse sucessor dos apóstolos dos nossos tempos, com seu testemunho de vida, diante do sofrimento que era inspirado no testemunho da paixão de Jesus, mostrou-se forjado o suficiente para dar razões da sua esperança, sem deixar de cumprir o novo mandamento dado por Cristo que é amar o seu próximo como a si mesmo (THUÂN, 2019, p. 60). Ele, que nunca tirou seus olhos do Cristo, confidenciou aos

seus que no abismo dos seus sofrimentos, ele jamais cessou de amar a todos, sem excluir ninguém do meu coração (THUÂN, 2002, p. 7), isto é, ele passou a viver sua própria paixão a partir da perspectiva da paixão de Cristo. Logo não se pode ter mais suavidade e respeito que isso na apologética da sua esperança.

Quando começou o expurgo do regime marxista no Vietnã que – como é praxe do sistema de coletivização comunista que agem como uma máquina criminosa a triturar vidas humanas em poeira (VOLKOGONOV, 2004, p. 168) – impôs-se por meio da força e a barbárie nesse país asiático, Van Thuân foi recolhido à prisão em 15 de agosto de 1975. Ele teve que sair da sua casa, para não mais voltar, apenas com a roupa que se encontrava em seu corpo e um terço no bolso – símbolo de um homem orante piedoso que cultivava sua devoção mariana – foi aí que ele, diante de tal opróbrio, apercebeu-se que havia sido espoliado, ou seja, ele havia deixado todos os seus poucos bens materiais para trás. A partir desse momento, ele não mais pôde ser chamado de padre ou bispo (THUÂN, 2002, p. 27). Assim ele também não poderia exercer plenamente seu tríplice múnus sacerdotal: ensinar, governar e santificar. Agindo assim para com ele, o regime vigente queria apagar não só a influência da Igreja, entretanto também a sua identidade naqueles que a representavam em solo vietnamita: foram cerca de trezentos sacerdotes presos (THUÂN, 2002, p. 137), isso sem contar religiosos, freiras, etc. Para se ter uma ideia disso, Van Thuân (2002, p. 147) disse que, antes da *perestroika*, na parte do Vietnã do Norte, as duas dioceses de lá, Langson e Bac Ninh, ficaram apenas dois sacerdotes e, mesmo assim, eles não podiam sequer sair livremente, mas foi assim que a Igreja sobreviveu no Vietnã.

Em verdade, ele, que tão fielmente exerceu seu ministério quando gozava de "liberdade" (tanto que ascendeu à hierarquia eclesial), deixou tudo quando foi preso, exceto o sentido da sua vida que sempre fora nutrido pela oração de um sacerdote de vida bastante ascética. Mesmas preces que o revestia com a armadura espiritual que jamais poderia ser despida pelos inimigos. Veja a narração dessa passagem da carta que encorajava a comunidade dos Efésios a perseverar na fé:

> Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares. Tomai, portanto, a armadura de Deus, para que possais resistir nos dias maus e manter-vos inabaláveis no cumprimento do vosso dever. Ficai alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça, e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, abraçai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus (Ef 6,10-17).

Em outros termos, ele provou heroicamente dando testemunho do Evangelho aos seus algozes que a tribulação, a angústia, a fome, a nudez, o perigo e a espada não seriam capazes de separá-lo do amor de Deus, nada seria capaz de apartá-lo da sua esperança (cf. Rm 8,35). Assim Van Thuân, em bem verdade, em 1975, foi para o combate mais terrível enfrentando por ele até então, dado que foram treze anos em ambiente prisional, sendo nove anos em isolamento total. Solitária que vale citar de forma direta o que disse a própria vítima:

> Enquanto me encontro na prisão de Phú-Khánh, em uma cela sem janela, um calor asfixiante, sinto a minha lucidez diminuir pouco a pouco até a inconsciência. Às vezes a luz continua acesa noite e dia, às vezes é sempre escuridão. Há tanta umidade que os fungos crescem sobre a minha cama. Na escuridão vi um buraco debaixo do muro (para fazer escorrer a água). Por isso passei mais de cem dias agachado com o nariz colado naquele buraco para respirar. Quando chove, sobre o nível da água; pequenos insetos, pequenas rãs, minhocas e centopeias vêm do lado de fora. Deixo-os entrar, pois não tenho mais forças para afastá-las (THUÂN, 2019, p. 24-25).

Tal situação de claustro, muito semelhante aos tratamentos dados nas masmorras dos castelos régios nos tempos medievos (vide anexos). Porém, ele tinha um sentido para sua existência muito bem definido, ou seja, sua esperança inabalável fruto de uma fé plena adquirida pela maturidade.

Aqui, valendo-se de um pouco de psicologia, vale citar o Doutor Viktor E. Frankl. Tal Doutor foi o fundador da Logoterapia: “A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida” (FLANKL, 2005, p. 124). Dr. Frankl, que ficou recluso nos campos de concentração nazista (que foram inspirados, ao menos o de Auschwitz, segundo Courtois (2018, p. 28), nos campos de concentração russos pós-revolução bolchevique), por meio da sua própria experiência prisional bem como pela observação sistemática dos seus iguais que muito sofriam em situações semelhantes, contrapôs uma teoria de Sigmund Freud que era tida por absoluta até então. Melhor dizendo, o pai da psicanálise disse, grosso modo, que o ser humano quando reduzido à provação extrema, animaliza-se. Quanto a isso, vale citar o que disse o filósofo Olavo de Carvalho que discorreu sobre esse contraponto a Freud, pai da psicanálise:

> Freud assegurava que, reduzindo à provação extrema, o ser humano perderia sua casca de espiritualidade e poria à mostra sua verdadeira natureza, comportando-se como um bicho. Viktor Emil Frankl, psiquiatra, judeu e austríaco como Freud, não acreditava nisso, mas não teve de inventar uma resposta ao colega: encontrou-a pronta no campo de concentração de Theresienstadt durante a Segunda Guerra Mundial. Ali, deduzidos a condição de miséria e pavor que no conforto do seu gabinete vienense o pai da psicanálise nem teria podido imaginar, os homens e as mulheres habitualmente medíocres elevavam-se à dimensão de santos e heróis, mostrando-se capazes de extremos de generosidade e autossacrifício sem a

> esperança de outra recompensa senão a convicção de fazer o que era certo. A privação despia-os as máscaras de egoísmo biológico de que os revestira de uma moda cultural leviana, e trazia à tona a verdadeira natureza do ser humano: a capacidade de autotranscendência, o poder inesgotável de ir além do círculo de seus interesses vitais em busca de um sentido, de uma justificação moral da existência (CARVALHO, 2013, p. 53-54).

Esse pastor, ainda que em outro contexto histórico, que foi fruto dos desdobramentos da Guerra Fria, que teve sua origem num pós-segunda guerra mundial, por meio da sua experiência, vem fazer coro ao que defendeu o fundador da Logoterapia, visto que Van Thuân, que por nove anos passou encarcerado em um ambiente insalubre de isolamento total que muito recrudesceu seu sofrimento, mostrou "a capacidade de autotranscendência, o poder inesgotável de ir além do círculo de seus interesses vitais em busca de um sentido, de uma justificação moral da existência" (CARVALHO, 2013, p. 53-54). Que, no caso do resiliente presidiário, foi a sua esperança. Esperança tal que jamais comungaria com o testemunho desesperado expresso em uma carta redigida por outro presidiário vietnamita – epístola que falava em nome de centenas doutros detentos em igual situação opressiva – e que fora endereçada à comunidade internacional com competência para agir. Sendo assim, aqui vale a pena citar um trecho da mesma, uma vez que tal missiva fala por si:

> Se é verdade que a humanidade atual recua com temor diante do desenvolvimento do comunismo, e principalmente da pretensa "invencibilidade" dos comunistas vietnamitas que "venceram o todo-poderoso imperialismo americano", então nós, prisioneiros do Vietnã, pedimos à Cruz Vermelha Internacional, com urgência a cada um de nós um comprimido de cianeto, a fim de que possamos pôr fim ao nosso sofrimento e à nossa humilhação. Queremos morrer imediatamente! Ajudem-nos a realizar esse ato: ajudem-nos a morrer imediatamente. Ficaremos imensamente reconhecidos (MARGOLIN, 2018, p. 683).

Perseguição, prisão, cruz... Sempre compuseram as biografias dos ilustres da Igreja, tanto que não faltam exemplos no Novo Testamento. O próprio Jesus Cristo, antes de ser crucificado, passou brevemente pela prisão. Primeiro, de certo, algumas horas na casa do sumo sacerdote Caifás (cf. Mt 14,53-65), depois na Fortaleza Antônia (cf. Mt 15,1-20). Os apóstolos Pedro e João foram os primeiros a amargar a prisão (cf. At 4,1-31; 5,17-42). Depois Estevão, aquele que foi o primeiro mártir da Igreja (cf. At 6,8-60) etc. Todos eles por cometer o crime de "lesa-pátria" de difundir a esperança que um dia Jesus Cristo regressará para, como Justo Juiz, julgar o mundo que jaz no maligno (cf. I Jo 5,19), sendo assim, sem perder de vista uma visão espiritual, é importante compreender que o Diabo, o verdadeiro inimigo, anda pelo mundo como um leão rugindo e procurando a quem devorar (cf. 1Pd 5,8). O próprio

Jesus Cristo confirmou isso do alto de sua cruz quando disse aos seus zombadores: “Pai, perdoa-lhes, em razão de eles não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

O fato é quem quiser seguir Jesus, tem que pegar a cruz e ir atrás do Mestre (cf. Lc 9,23). Todavia, só o segue quem entende o sentido da cruz. Por isso que Van Thuân – que orgulhava-se em dizer que muito bem conhecia Jesus Crucificado (THUÂN, 2002, p. 19) – foi quem foi, fez o que fez, sofreu o que sofreu, sem deixar de amar como amou, posto que ele entendia a economia da salvação que tem que haver cruz, tudo isso graças a sua fé madura. Ele, com o seu caráter sacerdotal impresso, sabia e ensinava que se ele seguisse Jesus, as pessoas viriam logo atrás dele (THUÂN, 2002, p. 58).

Van Thuân era muito instruído, tanto que se especializou em Roma. Ele conhecia bem os exemplos da Bíblia bem como da Santa Tradição, tanto que encontrou base para sua espiritualidade desde lá no veterotestamento que fala implicitamente da esperança cristã (nas profecias), veja: "Deus vem para restaurar o seu Reino, Deus vem para restabelecer a Aliança, Deus vem para construir um novo povo, para construir uma nova Jerusalém, para edificar um templo novo, Deus vem para recriar o mundo” (THUÂN, 2002, p. 23) – mas, explicitamente, o vocábulo esperança aparece mais de cento e quarenta vezes em toda a Escritura.

Ele, por ser um homem de convicção religiosa, sabia que seus piores inimigos não eram os que o mantinham ali recluso maltratando a sua carne, porém sem afetar o seu psique, mas principados e potestades que agem no mundo como denunciado também por São Paulo na Carta aos Efésios (cf. Ef 6,10,17). A batalha sempre foi, é e será espiritual. Jesus, por ocasião da eleição de São Pedro, disse categoricamente ao seu primeiro Pontífice que muitas seriam as tribulações que a Igreja iria ser acometida ao longo dos muitos séculos até a sua parusia. Veja sobre isso na narrativa de São Matheus:

> Jesus, então, lhe disse: “Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus. E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus (Mt 16,18-19, grifo nosso).

Nessa passagem de Matheus, Cristo faz uma profecia, por se tratar de tal, logo o verbo que expressa a ação foi aplicado no futuro do presente: prevalecerão. Esse verbo conjugado chama a atenção em dois pontos: primeiro, que por estar no futuro, Jesus quis dizer que a Igreja sempre irá ser tentada pelo maligno, segundo, que por estar esse verbo no plural, significa que muitas seriam essas dificuldades no decorrer da história da Igreja. Ou seja, com um olhar espiritual, isso explica tanto as perseguições aos primeiros cristãos – como a morte

do primeiro mártir Estevão (cf. Atos 6 e 7) – quanto aos tormentos sofridos por Van Thuân. Ele, contudo, compreendia o sentido da vida e, por conseguinte, combateu o bom combate guardando sua esperança (cf. 2 Tim 4,7), visto que, rememorou Bento XVI na *Spe Salvi*, "é na esperança que fomos salvos: diz Paulo aos Romanos e a nós também (Rm 8,24)" (SS 1).

Van Thuân, então presidiário, mostrou à Igreja universal que a oração é a melhor escola de esperança. Bento XVI confirmou isso também na *Spe Salvi*, assim dizendo, a oração é a melhor escola de esperança, tanto que citou nesse documento como exemplo, para embasar seu ensinamento, o próprio Van Thuân (SS 32). É por meio dela, a oração, que é possível suportar quaisquer intempéries da vida. Portanto, foi por meio da oração que ele pôde salvaguardar sua saúde física, mental e espiritual durante os seus anos de maiores sofrimentos. Assim ele ratificou a toda a Igreja com a sua vida que nada (cf. Rm 8,35) seria capaz de ceifar dele o verdadeiro sentido da vida que está na esperança cristã. Aqui vale citar uma oração que esse preso autor redigiu como refrigério para sua alma em tempos de cadeia e que Bento XVI fez questão de citar na SS:

> Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar. Se não há mais ninguém que me possa ajudar – por tratar-se de uma necessidade ou de uma expectativa que supera a capacidade humana de esperar – Ele pode ajudar-me. Se me encontro confinado numa extrema solidão... o orante jamais está totalmente só (SS 32).

O ascético clérigo sabia que ao obedecer ao imperativo de Pedro – que o mandava a estar pronto para dar razões da esperança – que isso acarretaria até mesmo dar testemunho com a própria vida, ou seja, tudo isso estava no bojo do que disse o próprio Jesus quando disse outrora: "por causa de mim!". Quanto a tal martírio, não faltam exemplos na Bíblia e na Tradição. Foi por causa da Boa Nova que Estêvão morreu apedrejado (cf. Atos 6 e 7). Foi por causa da fé cristã que o primeiro Papa morreu crucificado de cabeça para baixo (CESARÉIA, 2002, I). Boa Nova essa que milhares de cristãos, ao longo da história da Igreja, pereceram por testemunhá-la. E foi por causa dessa esperança que Van Thuân suportou tudo o que suportou. E será por causa dessa esperança que todos cristãos, que queiram ser fiéis à Igreja, padecerão de sofrimentos, já que seguir tais exemplos, é compreender o sentido da cruz.

2.2 A vida de oração de Van Thuân na prisão

O Catecismo ensina que, atualmente, em um mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva. É por isso que o

Segundo Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, *Ecclesia domestica*. Visto que, segue o Catecismo, é no seio da família que os pais são, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada (CATECISMO, 1656).

Tudo isso no período acima aventado encontra autenticação na vida desse asiático. Uma vez que, desde a mais tenra idade, Van Thuân descobriu no seio da sua "Igreja Doméstica" a sua vocação, graças à sua mãe Elisabeth que o educou desde o seio materno todas as noites sobre as histórias da Bíblia e apresentou-lhe Teresa do Menino Jesus como modelo das virtudes cristãs (THUÂN, 2002, p. 13). Foi assim que ele ingressou na formação católica, primeiro no seminário menor e depois no maior e, posteriormente, ordenou-se padre católico.

Em todo esse processo dele, não foi por acaso, já que Deus fala ao coração daquele que o busca em oração. A Igreja ensina que "a oração é a elevação da alma para Deus ou o pedido feito a Deus de bens convenientes" (CATECISMO, 2559). Baur (2004, p. 120) explica que a oração seja ela de adoração, de louvor, de ação de graças ou de impetração, volta de Deus para nós em forma de bênção e de graça, em forma de fecundação e de ajuda para o progresso espiritual e para uma união sempre mais íntima e profunda com Deus.

A Igreja aprendeu a orar com seu Fundador que era de muita oração. Por diversas vezes os Evangelhos apontam essa vida orante d'Ele: Por ocasião do seu batismo: "Quando todo o povo ia sendo batizado, também Jesus o foi. E estando ele a orar, o céu se abriu" (Lc 3,21); Por ocasião da escolha dos seus amigos: "Naqueles dias, Jesus retirou-se a uma montanha para rezar, e passou aí toda a noite orando a Deus" (Lc 6,12); Na transfiguração: "Passado oito dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar" (Lc 9,28); No Getsêmani, onde Jesus, no seu mistério hipostático, revelou seu lado humano: "Depois que se afastou deles à distância de um tiro de uma pedra e, ajoelhando-se, orava" (Lc 22,41) etc. Jesus mandou aprender d'Ele que é manso e humilde de coração (cf. Mt 11, 29). Sendo assim, a Igreja aprendeu e ensina, sobretudo pelo tríplice múnus de todos aqueles que receberam o sacramento da ordem.

Esse prelado, humilde, afirmou por ocasião da sua pregação ao alto clero do Vaticano no exílio, ser o menor entre os sucessores dos apóstolos, todavia ele afirmou conhecer sem igual o Jesus Cristo Crucificado (THUÂN, 2002, p. 19). Esse pregador bem aprendeu com Jesus e tornou-se um homem ascético. Quer dizer, sua esperança era fortificada diuturnamente pela oração. Não faltam exemplos de orações no seu livro *Testemunhas da Esperança: quando o amor irrompe em situações de heroísmo e no dia-a-dia* das orações reflexivas, muitas delas, compostas da época em que ele estava preso.

Também não faltam exemplos de orações no seu livro *Cinco Pães e Dois Peixes: do sofrimento do cárcere um alegre testemunho de fé*. Haja vista a oração de consagração à Mãe de Deus – *Theotokos* – que esse devoto mariano compôs quando ele estava em situação de isolamento em Hanói (norte) em 1º de janeiro de 1986. Acompanhe como ele narra sobre:

> Maria, minha Mãe, Mãe de Jesus, Mãe nossa, por sentir-me unido a Jesus e a todos os homens, meus irmãos, quero chamar-te Mãe nossa. Vem viver em mim, com Jesus, teu amadíssimo Filho, esta mensagem de renovação total, no silêncio e na vigília, na oração e na oferta, na comunhão com a Igreja e com a Trindade, no fervor de teu "Magnificat" unido a José, teu santíssimo esposo, no teu humilde e amoroso trabalho para cumprir o testemunho de Jesus, no teu amor por Jesus e por José, pela Igreja e pela humanidade, na tua fé inabalável no meio de tantas provações, suportadas pelo Reino, na tua esperança, que ininterruptamente age em construir um mundo novo de justiça e de paz, de felicidade e de verdadeira ternura, na perfeição de tuas virtudes, no Espírito Santo, para tornar-te testemunha da Boa-Nova, apóstola do evangelho. Em mim, ó Mãe, continua a operar, a rezar, a amar, a sacrificar-me. Continua a cumprir a vontade do Pai, continua sendo a Mãe da humanidade. Continua vivendo a paixão e a ressurreição de Jesus. Ó Mãe, consagro-me a ti, toda a ti, agora e sempre. Vivendo no teu espírito e no de José, eu viverei no espírito de Jesus, com Jesus, com os anjos e santos e todas as almas. Amo-te, ó Mãe nossa, e compartilharei tua fadiga, tua preocupação e teus combates pelo reino do Senhor Jesus. Amém (THUÂN, 2019, p. 74-75).

Em bem verdade, em todas as suas obras estão recheadas de orações. Foi por meio delas que ele pôde ser resiliente diante dos terríveis sofrimentos a ponto de contrariar a lógica humana e oferecer a outra face (cf. Lc 6,29). Ainda que seus algozes o infligiam grandes tormentos, Francois X. N. Van Thuân, por saber quem eram os reais inimigos, amava-os segundo o amor evangélico.

Ele enfrentou tudo de forma tão exemplar, que sua vida foi uma das que inspiraram Bento XVI para a redação da *Spe Salvi*: "Van Thuân, contou no seu livro de Exercícios Espirituais, como na sua vida tinha havido longos períodos de incapacidade para rezar, e como ele se tinha agarrado às palavras de oração da Igreja: ao Pai Nosso, a Ave Maria e às orações da Liturgia" (SS 34). Tanto que esse grande Pontífice germânico afirmou: "primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança é a oração" (SS 32).

Mas o que é mais impressionante na vida desse pastor presidiário foi que ele nunca se absteve de celebrar a Eucaristia, "a grande oração da Eucaristia" (CATECISMO, 1185). Ou como diria a *Lumen Gentium*: "Fonte e centro de toda a vida cristã" (LG 11). Ele foi fiel à Igreja até mesmo preso, porquanto é instruído pela Igreja a celebrar diariamente. Fiel à Igreja, Van Thuân, mesmo recluso, não deixou de obedecer à recomendação expressa no Código de Direito Canônico. Segue:

> Os sacerdotes, tendo sempre presente que no mistério do Sacrifício eucarístico se realiza continuamente a obra da redenção, celebrem com frequência; mais, recomenda-se-lhes instantemente a celebração quotidiana, a qual, ainda quando não possa haver a presença de fiéis, é um acto [sic] de Cristo e da Igreja, em que os sacerdotes desempenham o seu múnus principal (CDC, Cân. 904).

Porém, ele a celebrava clandestinamente – uma vez que era terminantemente proibido pelos seus algozes ateus – não por se tratar de uma recomendação da Igreja, ele a celebrava, ainda que correndo riscos de ser severamente punido caso descoberto, porque sabia o que é a Eucaristia e do que ela é capaz de fazer à vida de um cristão. "Assim como um corpo não pode viver sem comida e sem bebida, da mesma forma a alma não tem a vida eterna sem a Eucaristia, sem o corpo ressuscitado de Jesus" (AQUINO, 2006, p. 96). Em razão de, além dele prover o alimento para sua alma por meio do Pão da vida descido do céu (cf. Jo 6, 35), ele também rezava por toda a Igreja ao celebrar a Eucaristia. Ele – que chegou a admitir que não teria sobrevivido sem a certeza de pertencer ao corpo vivo da Igreja (THUÂN, 2002, p. 159) – sabia que a Igreja – que ele amava apaixonadamente (THUÂN, 2002, p. 151) – vive da Eucaristia, assim como ensina o Pontífice João Paulo II na sua encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Segue, abaixo, a posição do Pontífice polaco:

> A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese *o próprio núcleo do mistério da Igreja*. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: « Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo » (*Mt* 28,20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança. (EE 1).

Ele, na solidão de sua cela, ao celebrar o santo sacrifício, impossibilitado de utilizar-se dos utensílios sagrados, sem poder se paramentar como exige tal momento litúrgico, ainda assim, ele celebrava a Missa. Sem nunca ferir a matéria e a fórmula. Já que ele tinha a fórmula na sua memória e a matéria ele conseguiu (hóstia e vinho) da seguinte forma:

> Quando fui preso, tive de viajar logo, de mãos vazias. No dia seguinte me foi permitido escrever para arranjar as coisas mais necessárias: roupas, dentifrício... Escrevi a meu destinatário: 'Por favor mande-me um pouco de vinho, como remédio contra o mal de estômago". Os fiéis compreendem o que significa: mandam-me uma pequena garrafa de vinho de missa, com o rótulo "remédio contra o mal de estômago", e hóstias escondidas em um frasco contra a umidade (THUÂN, 2019, p. 43-44).

Interessante não deixar de dizer que Francois Xavier Nguyên Van Thuân não feriu o mandamento oitavo, dado que era sim para sua saúde, contudo a sua saúde espiritual, em razão de essa sempre foi o escopo da hóstia consagrada. Assim ele narrou no seu livro *Cinco Pães e Dois Peixes*: "todos os dias, com três gotas de vinho e uma gota de água na palma da mão [e fragmento de hóstia], celebro a minha Missa" (THUÂN, 2019, p. 43). A palma da mão dele funcionava não apenas como cálice e patena, mas também o altar sacrificatório ou, melhor dizendo, como ele gostava de dizer: "eis o meu altar e a minha catedral" (THUÂN, 2002, p. 135). A celebração dava-se conforme a situação (THUÂN, 2019, p. 43), ele, contudo, nunca deixou de celebrá-la por puro amor. Ele se reconhecia também ser digno de tomar do mesmo cálice amargo outrora profetizado por Jesus (cf. MT 20, 17-28):

> Todas as vezes tinha a oportunidade de estender as mãos e pregar-me na cruz com Jesus, de beber com ele o cálice mais amargo. Todos os dias, ao recitar as palavras da consagração, confirmava com todo o coração e com toda a alma um novo pacto, um pacto eterno entre mim e Jesus, mediante o seu sangue misturado com o meu. Foram as mais belas missas da minha vida! (THUÂN, 2002, p. 135).

Vale a pena citar aqui uma catequese que ele dá na sua obra, *Testemunhas da Esperança: quando o maior irrompe em situações de heroísmo e no dia-a-dia*, sobre sua plena convicção de fé na Eucaristia, toda ela embasada nos Padres da Igreja, que jamais campo de reeducação (MARGOLIN, 2018, p. 762) ou vãs filosofias (cf. Col 2,8) – como a marxista que o oprimia – seriam capazes de extrair dele tal fé. Segue abaixo:

> É do nosso conhecimento que o aspecto sacramental da comida, que nutre, e a bebida que fortifica, recorda-nos a vida que Cristo nos doa e a transformação que ele realiza: "O efeito típico da Eucaristia é a transformação do homem em Cristo" (cf. Santo Tomás, IV Sent. d. 12, q. 2 a 1, p. 307), afirmam os Santos Padres da Igreja. Leão Magno comenta a este respeito: "A participação do corpo e do sangue de Cristo não faz outra senão transformar-nos no alimento que tomamos" (cf. Serm. 63, 7 e LG, 26). Agostinho põe na boca de Jesus estas palavras: "Não és tu que me transformarás em ti, como se dá com o alimento da tua carne, mas tu serás transformado em mim" (Agostinho, [s.d.], VII, 10). Por meio da Eucaristia, nós nos tornamos – como afirma Cirilo de Jerusalém – "concorpóreos e consanguíneos com Cristo" (PG 33, 1100). Jesus vive em nós, e nós nele, em uma espécie de "simbiose" e de mútua imanência: ele vive em mim, permanece em mim, age por meio de mim (THUÂN, 2002, p. 135-136).

Por tudo isso que ele arriscou-se celebrar a Missa diária, ou seja, para ele nunca ficar sem nutrir desse pão da vida e do cálice da salvação (THUÂN, 2002, p. 135). Pois, ele confessou, desse modo, na prisão ele sentia o coração de Jesus bater no seu coração. Percebia que a vida dele era a vida de Jesus e vice-versa (THUÂN, 2002, p. 136). Nesse mesmo Livro,

Testemunhas da Esperança, ele descreve uma dessas ocasiões que ele pôde celebrar na sua "catacumba":

> Às 21h30 era obrigado apagar a luz, e todos devíamos dormir. Nesse momento eu me curvava sobre a cama para celebrar a missa, recitando tudo de cor, e em seguida distribuía a comunhão passando a mão por baixo do mosquiteiro. Chegamos até mesmo a fabricar saquinhos com o papel dos pacotes de cigarro vazios, para guardar o Santíssimo Sacramento e levá-lo aos demais. Jesus Eucarístico estava sempre comigo no bolso da camisa. Toda semana havia uma sessão de doutrinação à qual todos deviam participar. Na hora do intervalo, com os meus companheiros católicos aproveitávamos para passar um saquinho a cada um dos outros quatro grupos de prisioneiros: todos sabiam que Jesus estava no meio deles (THUÂN, 2002, p. 136-137).

Tal amor ao sacramento da Eucaristia assim, testemunhou François Xavier Nguyên Van Thuân, suscitava até mesmo budistas e outros não-cristãos recebiam o dom da fé. A força do amor de Jesus era irresistível [...]. A prisão transformou-se em uma escola de catecismo. Os católicos batizaram os seus companheiros, sendo seus próprios padrinhos (THUÂN, 2002, p. 137). Dessa forma, a obscuridade do cárcere tornou-se luz pascal. Celebrações eucarísticas clandestinas assim encontram precedentes na história recente da Igreja, visto que, por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, os sacerdotes católicos presos nos terríveis Campos de Concentração Nazistas também celebravam de forma semelhante. Van Thuân se inspirou nesses exemplos (THUÂN, 2002, p. 136), porquanto ele bem conhecida tais atos (THUÂN, 2002, p. 136), não por coincidência ele citou na sua obra *Testemunha da Esperança* o famoso São Maximiliano Kolbe (THUÂN, 2002, p. 90) e fez menção ao "martirológio do século XX que está repleto de comoventes histórias de celebrações clandestinas da Eucaristia em campos de concentração" (THUÂN, 2002, p. 134). O fato é que esse clérigo piedoso precisava desse sacramente da Eucaristia, necessidade espiritual essa que João Paulo II explica:

> Se a Eucaristia é centro e vértice da vida da Igreja, é-o igualmente do ministério sacerdotal. Por isso, com espírito repleto de gratidão a Jesus Cristo Nosso Senhor, volto a afirmar que a Eucaristia « é a principal e central razão de ser do sacramento do Sacerdócio, que nasceu efectivamente [sic] no momento da instituição da Eucaristia e juntamente com ela (EE, 31).

Teologicamente falando, sabe-se que um sacerdote age *in Persona Christi*. A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos (2008, p. 29), na sua publicação da *Introdução Geral ao Missal Romano e Introdução ao Lecionário*, diz que Cristo, "na última ceia, instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e Sangue, com o fim de perpetuar através dos séculos, até a sua vinda, o sacrifício da cruz e, deste modo, confiar à

Igreja, sua amada Esposa, o memorial da sua Morte e Ressurreição". Contudo, Jesus se utiliza do sacerdote para atualizar seu sacrifício. Logo o sacerdote, por agir na Pessoa de Jesus Cristo, simboliza o *Agnus Dei* a ser imolado. Esse, grosso modo, é o sentido espiritual da Missa. Porém, em Missas como as que foram realizadas pelo pastor encarcerado, além do valor simbólico, ele literalmente se sacrificava para realizá-las, uma vez que se ele fosse descoberto praticando tal rito, ele poderia pagar com a própria vida uma vez que "prisão de reeducação" (MARGOLIN, 2018, p. 762) não estava surtindo efeito nele[8]. Sem sombras de dúvida, trata-se uma das maiores demonstrações da Igreja de amor ao sacramento que é o centro da fé católica.

> Durante a noite, os prisioneiros se alternavam fazendo turnos de adoração. Jesus Eucarístico era uma ajuda inimaginável com a sua presença silenciosa: muitos cristãos voltavam a ser fervorosos na fé. O seu testemunho de serviço e de amor provocava um impacto cada vez mais forte nos demais prisioneiros. Até mesmo budistas e outros não-cristãos recebiam o dom da fé. A força do amor de Jesus era irresistível (THUÂN, 2002, p. 137).

Sendo a sacramento da Eucaristia o âmago da fé católica apostólica romana, ele nunca quis, ainda que recluso, ficar à margem, ainda que por mais difícil que fosse celebrá-la bem como adorá-la de maneira escondida. Em razão de ele dizia que "a Eucaristia é a mais bela oração, é a culminância da vida da vida de Jesus" (THUÂN, 2019, p. 43). Seu amor era tamanho à Eucaristia que ele tornou-se um sacrário vivo, porque ele sempre levava Jesus eucarístico "no bolso de sua camisa" (THUÂN, 2019, p. 45).

Assim, infere-se dele que o zelo pela casa do Senhor o consumiu (cf. Sl 68,10), que ele notoriamente combateu o bom combate e, terminando sua carreira, a fé foi guardada (cf. 2Tm 4,7), em razão de, ele, com a sua esperança, ainda que loucura à compreensão humana, escolheu a melhor parte que jamais lhe será tirada" (cf. Lc 10,42).

À vista disso, ele, indubitavelmente, mostrou a todo o mundo cristão, por meio do exemplo de vida, que a oração é escola de esperança à Igreja Católica Apostólica Romana e ele foi um exemplo, porquanto, tampouco abriu mão de celebrar – apesar do grande perigo de morte que corria por fazê-lo – "a grande oração da Eucaristia" (CATECISMO, 1185) nos seus longos treze anos de prisão no cárcere ideológico comunista, sendo que foram nove anos em isolamento absoluto.

2.3 A oração como escola de esperança em Van Thuân

[8]O objetivo da "reeducação" é muito peculiar: o detido é obrigado a provar o sistema que o aprisiona e a aderir à ideologia de seus opressores.

Falar da oração como escola de esperança a partir do testemunho do cardeal ex-presidiário (THUÂN, 2002, p. X) também não é algo original, dado que encontra precedentes na história da Igreja, uma vez que seu trajeto eclesial bimilenar foi marcado pelo testemunho de milhares de mártires em prol da mesma nobre causa. Van Thuân, todavia, na prisão, sofreu na sua carne os tormentos da perseguição religiosa que assolam o mundo nos tempos modernos. Sendo assim, esse sacerdote mostrou, por meio da sua ascese, que tudo se pode suportar quando se tem um sentido na vida, quer dizer, significação que se trata da esperança cristã. Em suma, Van Thuân, se manteve vivo por conta da sua fé na expectativa cristã. Pode-se dizer que esse clérigo resiliente referendou, *a posteriori*, a logoterapia que fora provada, empiricamente, pelo Dr. Viktor Frankl com a sua forçosa estada nos terríveis Campos de Concentração nazistas.

Jesus Cristo disse: "E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado no Filho" (Jo 14,13). Os discípulos compreendendo o poder da oração até mesmo por que tinha no Mestre um exemplo, já que Cristo muito se recolhia para orar, contudo, na maior parte desses momentos em que se recolhia para tal, Ele o fazia só, raras vezes, segundo as narrações dos Evangelhos, Ele levou acompanhante. Assim, compreendendo a importância da oração, os discípulos pediram uma fórmula de oração a Jesus, que os ensinou bem assim.

> Eis como deveis rezar: Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. 11.O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal (Mt 6,9-13).

Van Thuân foi um homem de oração, em razão de aprendeu com a Igreja que, por sua vez, aprendeu com o Mestre. Ainda que quando as suas forças lhe faltavam em decorrência da enfermidade que o acometia na cela a ponto de não conseguir recitar uma oração, ele repetia: “Jesus, eis-me aqui, sou Francisco” (THUÂN, 2019, p. 35). Quando estava bem, ele confidenciou que amava rezar: orações litúrgicas. Salmos. Cânticos como *Miserere*, *Te Deum*, *Veni Criator* e o hino dos mártires *Sanctorum meritis*. Cantos gregorianos. Orações na sua língua nativa. Suas orações de devoções marianas... (THUÂN, 2019, p. 36-37), todas essas orações que foram gravadas em sua memória por conta de uma vida muito ascética.

Esse asiático foi um homem de fé madura (João Paulo II, 2002, 3). Ele confidenciou no seu livro *Cinco Pães e Dois Peixes*, que – desde que estava em Roma estudando – ao rezar na Gruta de Lourdes na França, ele, ao meditar sobre a mensagem da Imaculada à vidente, a

princípio, identificou-se com a mesma que dizia: “não te prometo alegrias e consolações nesta terra, mas provações e sofrimentos” (THUÂN, 2019, p. 68). Porém, ele narra que só foi entender tal *insight* plenamente quando “veio o ano de 1975, a detenção, a prisão, o isolamento, mais de 13 anos no cativeiro. Agora ele passou a entender que Nossa Senhora quis prepará-lo desde 1957 (THUÂN, 2019, p. 69). Foi com essa fé madura que ele deixou de sofrer pelos seus projetos pessoais deixados na sua Diocese – por saber que Deus cuidaria de tudo – e passou a escolher exclusivamente a Deus (THUÂN, 2002, p. 52), a esperar em Deus segundo a esperança maior cristã. A partir desse discernimento de fé católica, esse notório eclesiástico passou a não cultivar tristezas, mas apenas lembranças.

Em uma reflexão sobre a *koinonia* (comunhão), noutra obra dele, dizia que é indispensável contrariar o próprio eu e mortificar-se com o jejum e outras práticas para essa finalidade mortificatória. Porém, segue ele, a mais evangélica é o relacionamento com o próximo, por buscar ver a *imago Dei* em cada semelhante. Melhor dizendo, é acolher o outro, saber escutá-lo, estar sempre discutível, ter paciência, fazer-se tudo para todos, antepor os interesses do outro aos próprios. Por fim, ele – provando a sua maturidade na fé – diz que é uma contínua renúncia ao próprio eu e isso nos une a Deus (THUÂN, 2002, p. 166). Ele escreveu em outra obra sobre o processo de comunhão quando estava preso:

> A comunhão é uma luta de todo instante. A negligência de um só momento pode rompê-la; basta pouco ou nada; um só pensamento sem caridade, um julgamento mantido com obstinação, um apego sentimental, uma orientação errada, uma ambição ou um interesse pessoal, uma ação realizada por si mesmo e não por Deus. [...] Ajuda-me, Senhor, a me examinar assim: Qual é o centro da minha vida? Tu ou eu? Se és tu, recolher-nos-ás na unidade. Mas, se vejo que ao meu redor, aos poucos, todos se afastam e se dispersam, esse é o sinal de que me coloquei no centro (THUÂN, 1997, p. 44-45 apud THUÂN, 2002, p. 166-167).

Van Thuân nunca deixou de ensinar por meio de seus escritos e exemplo de vida sofrida. Ele mostrou-se ser um homem de fé arraigada e por que não um tanto místico? Haja vista o episódio que aconteceu com ele em Lourdes e que foi compreendida somente no epicentro do seu sofrimento no Vietnã (cf. THUÂN, 2019, p. 68-69). O fato é que ele era um homem de prática ascética e, nesse estado de vida, a devoção mariana o confortou muito diante das provações indizíveis. Ele rezava a Maria com toda simplicidade e confiança: “Mãe, se tu vês que não poderei mais ser útil à Igreja Católica, concede-me a graça de terminar a minha vida na prisão. Mas se tu, ao invés, sabes que poderei ainda ser útil a tua Igreja, concede-me sair da prisão no dia de tua festa” (THUÂN, 2019, p. 70). Ele foi liberto no dia 21 de novembro de 1988, dia da festa da Apresentação da Virgem Maria no Templo.

3 FRANÇOIS X. NGUYÊN VAN THUÂN: MESTRE DE ESPERANÇA CRISTÃ NOS SEUS ESCRITOS

Sem sombra de dúvida, a escrita foi uma das maiores invenções da humanidade. Tendo sua origem, há milhares de anos a.C., nas pitorescas e rudimentares pinturas rupestres nas cavernas (visto que elas tinham por finalidade transmitir uma mensagem) e, a partir daí, a escrita seguiu sua evolução na história. Com o seu desenvolvimento, as civilizações antigas, que a desenvolveram, passaram a retransmitir suas culturas às gerações futuras por meio dela. Foi assim desde a escrita cuneiforme suméria que tem no *Código de Hamurabi* – redigida na *Estela Susa* (HERMANN; JOHNS, 2020, p. 15) – um exemplo no mundo pagão. Foi assim com a escrita no mundo judeu-cristão, com a sua biblioteca que mudou a história humana, a Sagrada Escritura.

Ainda valendo-se dessa linha de raciocínio do período supracitado, há um famoso provérbio em latim que muitos historiadores atribuem sua autoria a Caio Tito por ocasião de seu discurso ao Senado Romano: "*Verba volant, scripta manent*". Em uma tradução livre, significa: "palavras ditas ao vento voam, mas, quando escritas, elas permanecem". Tal frase sintetiza muito bem o que foi dito até aqui neste item sobre a importância da escrita à humanidade, visto que o homem atual é o acúmulo de toda uma bagagem intelectual desenvolvida ao longo da história e preservada por meio da escrita desde a invenção da mesma.

As palavras do pastor da Igreja Católica ex-presidiário não se perderam no "ar levadas ao sabor do vento", visto que ele (sabendo da importância de também perpetuar sua experiência de perseverança na esperança cristã, visto que ele enxergava potencial de evangelização nesse processo), à medida do possível, escreveu de forma que comove o coração daquele que o lê "pelo testemunho de coragem, confiança em Deus, amor a Jesus Cristo e à sua Mãe, Maria, a quem atribui sua perseverança e a incondicional dedicação ao ministério episcopal" (THUÂN, 2002, p. 9).

Seus mais notórios escritos, contudo, foram os três livros que ele redigiu em ambiente prisional – inspirado no exemplo de Paulo de Tarso (THUÂN, 2019, p. 13) – e redigidos em sobras de papel velhos de toda sorte que lhe chegavam às suas mãos e que eram entregues a quem pudesse conservá-los (THUÂN, 2002, p. 9). O primeiro livro da sua obra, *O caminho da esperança*, foi redigido à noite, sob ínfimos lampejos, em um mês e meio e foram mil e uma páginas manuscritas quando ainda estava na aldeia de *Cây-Vông*. Tal açodamento em fazê-lo, foi por que ele temia ser transferido para outro lugar qualquer sem antes deixar uma

mensagem de esperança ao seu rebanho (THUÂN, 2019, p. 14). Só por fazê-lo como fez, já se trata de um ato de heroísmo, uma vez que, se descoberto pelos agentes intolerantes do regime, esse arcebispo escritor então presidiário seria severamente punido por tal ato de resistência (THUÂN, 2019, p. 57). Veja como tudo se deu início nas próprias palavras dele:

> Numa noite vem uma luz: "Francisco, é muito simples; faça como São Paulo quando estava preso: escrevia cartas a várias comunidades". Na manhã seguinte, em outubro de 1975, fiz sinal para uma criança de 7 anos, Quang, que voltava da missa às 5, ainda no escuro: "Diga a sua mãe para comprar velhos blocos de calendários". Tarde da Noite, de novo no escuro, Quang me trouxe os calendários, e em todas as noites de outubro e de novembro de 1975 escrevia a meu povo minha mensagem do cativeiro. Todas as manhãs o menino vinha recolher as folhas para levá-las a sua casa, e fazer recopiar a mensagem por seus irmãos. Assim foi escrito o livro O caminho da esperança (THUÂN, 2019, p. 13-14).

Ele, sequer, pôde ter a Bíblia consigo durante a sua longa estada injusta na prisão, sendo assim, noutra ocasião e lugar de cárcere sempre dentro do território vietnamita, ele juntou pedacinhos de cartas que encontrou e fez uma minúscula agenda, na qual transcreveu mais de 300 frases do Evangelho que ele tinha na sua memória para que as mesmas não fenecessem no esquecimento. Ele confidenciou que esse "evangelho" reconstruído ficou sendo o seu escrínio precioso para obter força e alimento através da *lectio divina* (THUÂN, 2019, p. 36). Thuân (2002, p. 11) sabia que, para os discípulos de Jesus Cristo, a Palavra de Deus é "firmeza da fé, alimento da alma, pura e perene fonte da vida espiritual" (DV 21). Tudo isso o ajudou a não esmorecer na sua vida de oração durante todo esse tempo no cárcere e isso pode ser comprovado, dado que ele tomou nota de tudo por saber da importância da escrita.

Quanto ao livro *Testemunha da Esperança: quando o amor irrompe em situações de heroísmo e no dia-a-dia* – fruto das suas elucubrações escritas para sua pregação no Jubileu do Ano 2000 no Vaticano, da qual ele foi o pregador – vem confirmar o elevado conteúdo espiritual e vivencial de suas meditações, com repercussões muito positivas num leque de leitores que vai do homem simples ao dignitário eclesiástico (THUÂN, 2002, p. 7), disse o editor dessa obra no ensejo desse livro. Van Thuân não transcreveu estórias fictícias em suas obras, mas narrou sua história – como no caso do livro *Testemunho da Esperança* – sem mágoas, todo o sofrimento que ele foi submetido quanto estava no seu país, dando ênfase ao tempo em que ele esteve recluso na cadeia. Não se encontra, todavia, em toda a sua redação, o viés vingativo próprio de um homem amargurado pelas injustiças sofridas.

Tem-se na vida desse autor um exemplo à atual conjuntura da Igreja que atua no mundo – tal afirmação foi endossada, por exemplo, pelo progressista Papa Francisco, pelo penúltimo Pontífice (SS 32) e o antepenúltimo Pontífice (JOÃO PAULO II, 2002, 5) idem – sendo

assim, todos os seus livros, que contam sua própria história, são como que ferramentas para consertar os desmantelos causados pelos erros ideológicos que assolam o mundo hodierno, com principal destaque para o comunismo que, indubitavelmente, é o pior de todos, haja vista a matança sem precedente na história que *O Livro Negro do Comunismo* levantou e especificou com riqueza de detalhes e com os devidos elementos factuais:

> – URSS, 20 milhões de mortes, – China, 65 milhões de mortos, –Vietnã, 1 milhão de mortos, – Coreia do Norte, 2 milhões de mortos, – Camboja, 2 milhões de mortos, – Leste Europeu, 1 milhão de mortos, – América Latina, 150.000 mortos, – África, 1,7 milhão de mortos, – Afeganistão, 1,5 milhão de mortos, – Movimentos comunista internacional e partidos comunistas fora do poder, uma dezena de milhões de mortos (COURTOIS, 2018, p. 16).

Van Thuân provou empiricamente, com sua própria experiência, que é possível ter uma vida de santidade e perseverar na esperança cristã, ainda que passando pelas mais terríveis perversidades por conta da mensagem evangélica (cf. Mt 5,10). Nada, porém, estranho a todas as pessoas – sobretudo os que receberam o sacramento da ordem – que tenham ciência da fé cristã, visto que Jesus Cristo alertou sobre as consequências de tal aderência a todos os que quiserem segui-lo: “Por causa de mim...” (cf. Mc 8,35).

Por fim, em verdade, muito se escreveu desse membro do colégio cardinalício, porém, nada se compara ao conjunto da obra escrita pelo próprio, em razão de, devido ao seu alcance e efeito positivo nos leitores (THUÂN, 2002, p. 7), a literatura desse autor asiático é uma verdadeira catequese da esperança cristã advinda da mais pura alquimia do sofrimento de quem indubitavelmente entendeu – e escolheu livremente – o sentido da cruz. Ensinamentos que se somam, dando um grande contributo, ao já riquíssimo Magistério da Igreja Católica.

3.1 Escritos de esperança cristã advindos do cárcere

Os *Cadernos do Cárcere* do autor italiano marxista Antonio Gramsci – preso pelo fascista Benito Mussolini e o livro *Mein Kampf* do nazista Adolf Hitler – preso pela frustrada marcha de Munique saindo da cervejaria. Ambos autores aventados, embora com ideologias distintas, assemelham-se na forma como eles redigiram seus livros (com as anuências de seus algozes que cometeram, com isso, um erro crasso), em razão de eles – também sabendo do poder da escrita – redigiram suas famigeradas obras enquanto estavam reclusos no silêncio da prisão. Quem escreve assim tem tempo de sobra para elucubrar sobre o assunto a ser abordado, por conseguinte, o que é colocado no papel expressa profundamente o que o autor

pensa e defende, porque “a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12,34). No caso desses dois escritores supracitados que tanto mal fomentou no mundo – seja por diáspora, por genocídio ou por doutrinação – a pena e o papel foram mais letais que armas bélicas convencionais.

Porém, no outro extremo, vale aqui destacar os grandes homens cujos corações estavam plenos do que eles acreditavam: a esperança que Jesus Cristo um dia regressará, como justo juiz, para julgar o mundo e estabelecer o seu Reino de justiça (cf. Ap 21). Autores que escreveram obras inspiradas pelo Espírito Santo que edificam a quem lê, ainda que, algumas vezes, também em ambiente prisional extremamente insalubre. Ora, como não relembrar da poética carta do apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso? Acompanhe tal epístola que compõe o neotestamento:

> Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria! A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará. A nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita. Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança. Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido. Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade (1Cor 13).

Como também não exaltar o apóstolo João, o discípulo muito amado por Jesus Cristo (cf. Jo 21,7), com seu livro da revelação que tem valor incomensurável à Igreja, tendo em vista que nessa obra escatológica está a profecia-mor de toda a esperança cristã. Em outros termos, diz respeito à consumação dos tempos, da parusia, onde o Justo Juiz virá julgar o mundo todo. Veja como o Livro do Apocalipse diz sobre:

> Revelação de Jesus Cristo, que lhe foi confiada por Deus para manifestar aos seus servos o que deve acontecer em breve. Ele, por sua vez, por intermédio de seu anjo, comunicou ao seu servo João, o qual atesta, como Palavra de Deus, o testemunho de Jesus Cristo e tudo o que viu. Feliz o leitor e os ouvintes se observarem as coisas nela escritas, porque o tempo está próximo (Ap 1,1-3). Nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram [...]. Haverá um Céu novo e uma nova terra (cf. Ap 21).

O apóstolo São Paulo e o apóstolo São João, este recluso na Ilha de Patmos, aquele no cárcere romano. Em um tempo de muito sofrimento, eles expressaram a esperança cristã de forma inspirada e exemplar. Com François Xavier Nguyên Van Thuân, que também esteve em ambiente severo de cárcere por conta do seu fiel ministério em nome dessa fé cristã, pode-se dizer, com a devida parcimônia, que não foi distinto no método e na forma, visto que ele escreveu para dar seguimento à esperança cristã indelével difusa pelos protoapóstolos nos primórdios da Igreja Católica. Pioneiros esses que apenas obedeceram, livremente e por puro amor, ao imperativo do Rabi galileu: “Ide pelo mundo inteiro e pregai o evangelho a toda a criatura...” (Mc 16,15).

Van Thuân fazia assim, como bom conhecedor das Escrituras, pois ele acreditava na mensagem evangélica que abordava sobre a necessidade de sempre evangelizar. Muitos são as advertências a quem se cala, exemplos: “Ai de mim se eu não evangelizar” (cf. 1 Cor 9,16). "Digo-vos: se estes se calarem, clamarão as pedras!” (cf. Lc 19,40). Por isso, valendo-se do que lhe era possível, ele escreveu – no verso de calendários antigos – um livro de valor catequético à Igreja reproduzindo tudo aquilo que lhe transbordava do seu coração que, pelo teor de seu conteúdo expresso na sua redação, tratava-se de um exemplo de cristão que incorporou a Boa Nova na sua própria vida, uma vez que nos seus escritos não se encontram desejos vingativos, muito pelo contrário, em toda a sua obra, transmite uma mensagem de amor ao próximo, ainda que seu próximo seja seu inimigo. Veja como ele escreveu, na sua reclusão, os seus livros: *Caminhos da Esperança*; *O caminho da esperança à luz da Palavra de Deus e do Concílio Vaticano II; Os peregrinos do caminho da esperança.*

> A graça de Deus me deu a energia para trabalhar e continuar até nos momentos mais desesperados. Escrevi o livro à noite, em um mês e meio, porque tinha medo de não poder terminá-lo: temia ser transferido para um outro lugar. Quando cheguei ao número 1,001 decidi encerrar: são como as “mil e uma noites”... Em 1980, na residência obrigatória em Giang-xá, no Vietnã do Norte, escrevia, sempre de noite, e em segredo, o meu segundo livro, O caminho da esperança à luz da Palavra de Deus e do Concílio Vaticano II, depois do meu terceiro livro, Os peregrinos do caminho da esperança (THUÂN, 2019, p. 14).

Talvez seus escritos nem de longe podem ser considerados um primor em recursos linguísticos. Ele não tinha uma biblioteca para consultar. Sequer, ele pôde ter uma Bíblia consigo para consultar (THUÂN, 2019, p. 36). Porém, como foi escrito por quem foi, na situação que foi e com a mensagem que foi, tal autor tornou-se um best-seller no mundo todo por ensinar a esperança cristã ainda que amargando uma terrível prisão. Não é exagero, por conseguinte, dizer que se tratam de escritos de um mestre da Igreja Católica.

3.2 Van Thuân, mestre de esperança em seus escritos

Por conta da sua história, verdadeiros rios de tinta foram escritos sobre ele (haja vista esta singela monografia). Autores outros que tomaram conhecimento dele, em parte, por conta dos seus escritos autobiográficos que, de forma simples, retrata como ele se tornou, como disse João Paulo II na Missa de exéquias do próprio, "o apóstolo do Evangelho da Esperança" (JOÃO PAULO II, 2002, 2).

Interessante dizer que a Igreja não avalia uma obra, como a de Van Thuân, pelos mesmos métodos que é, por exemplo, avaliado um livro para se conceder um Prêmio Nobel de Literatura a um escritor. Para ela, o que importa é o teor da mensagem evangélica expresso na obra, ou seja, o quão da mensagem cristã é ensinada. Veja o caso de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face que, estilisticamente falando, sua obra – *História de uma alma: manuscritos autobiográficos* – também não se tratar de algo fora de série, até por que seus escritos foram redigidos em forma de diário, melhor dizendo, manuscrito autobiográfico despretensioso (JESUS, 2012, p. 5). Devido, porém, ao teor espiritual expresso na sua redação, essa santinha carmelitana foi reconhecida pela Igreja como Doutora da mesma no dia 19 de outubro de 1997. No Dia Mundial das Missões, o Papa polaco, na sua mensagem aos jovens do mundo, por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude, explicita como se dá o processo avaliativo de uma obra por parte da Igreja ao falar dos escritos de tão querida santinha: "o seu ardente itinerário espiritual demonstra muita maturidade, e as intuições da fé expressas nos seus escritos são tão vastas e profundas, que a tornam digna de ser posta entre os grandes mestres espirituais" (JOÃO PAULO II, 2002, 4).

Para com os escritos de Van Thuân, é a mesma coisa, porque a mensagem de elevado conteúdo espiritual foi algo sem igual àquele contexto histórico que ele estava inserido. Porém, diante da sua mensagem de esperança evangélica dinâmica, ele pode ser exemplo para a atual conjuntura social (que ainda é assolada pela ideologia marxista) por não ser jamais anacrônica. Quando se aborda, portanto, sobre a esperança cristã, fala-se de algo que jamais será obsoleto, uma vez que toda vivência cristã culmina nela – esperança – por se tratar de uma mensagem viva na história.

Van Thuân vai ser elevado um dia a Doutor da Santa Igreja Católica Apostólica Romana por conta do teor dos seus ensinamentos, isso só o tempo dirá, porém sua literatura, pela admiração que causa a quem a lê, é prova clara que ele ensina a esperança cristã de maneira heroica no seu próprio testemunho de vida como um todo (THUÂN, 2002, p. 7). Sua obra foi tão apreciada na Igreja que o Sumo Pontífice Bento XVI chegou a mencionar o seu

valor na sua carta encíclica *Spe salvi* por duas vezes: “Dos seus 13 anos de prisão, 9 dos quais em isolamento, o inesquecível Cardeal Nguyên Van Thuân deixou-nos um livrinho precioso: Orações de esperança” (SS 32). “O Cardeal Nyugên Van Thuân, contou no seu livro de Exercícios Espirituais” (SS 34). O fato é que seus escritos, como já aventado, se somam ao Magistério.

Mesmo na lúgubre cela, à medida do possível e correndo o risco de ser punido se descoberto, ele escrevia à noite em sobras de papel para seus fiéis, para incentivá-los a perseverarem na fé sem perder a esperança. Ele mostrou aos seus, com o seu exemplo, ser possível cumprir o que disse o apóstolo Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?” (Rm 8,35).

Em suma, seu legado de esperança prática não ficou estanque ao seu povo compatriota. Ele transcendeu as fronteiras do Vietnã e hoje está no mundo todo. Francois X. N. Van Thuân, com a sua singular pedagogia, ensinou didaticamente por meio da sua heroica e exemplar vida sofrida (eternizada nos seus escritos) que a oração, em todo esse processo de espera cristã, é fundamental, sobretudo nestes tempos estranhos em que o mundo vive, visto que a mesma ideologia marxista, que tanto o atormentou, está tão arraigada no âmago social – de forma até romantizada – e que, infelizmente, não deixou a própria Igreja Católica incólume, trata-se da famigerada corrente da teologia da libertação de cunho puramente marxista[9]. Não por acaso, Van Thuân não tem o reconhecimento merecido em Igrejas Locais que são adeptas dessa corrente teológica esquerdista, pelo simples fato de se tratar de um paradoxo.

Em última análise, os ensinamentos do purpurado Francois X. Nguyên Van Thuân é reconhecido pela Igreja universal, tanto que o grande teólogo Bento XVI afirmou categoricamente na *Spe Salvi* (SS 32), que fora inspirada na vida desse ilustre escritor oriental: “primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança é a oração”.

[9]A *Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação* chama a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerente a certas formas da TL que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do marxismo (CDF, 1984, s/n).

CONCLUSÃO

Depois de ter dado um exíguo apanhado histórico sobre a origem, a missão e as perseguições que a Igreja Católica foi vitimada ao longo da sua história bimilenar bem como também discorrer brevemente sobre a ideologia comunista que tem – dentro do seu bojo ideológico – a perseguição religiosa como *práxis* para que nada a impeça de se estabelecer hegemonicamente no mundo. Porém, o comunismo, em verdade, não se sustenta – diferentemente da Igreja – ao ser submetido a um escrutínio histórico, pois o rastro de terror que ele deixou atrás de si é, indubitavelmente, sem precedentes em toda a história humana, haja vista os 100 milhões de mortes que falam por si. Diante de tal legado nefasto, o comunismo deveria ser predicado pejorativamente, assim como foram depreciados o fascismo e o nazismo. Como se isso não bastasse, por justiça ao gênero humano, os "dignitários camaradas" desse sistema materialista deveriam participar novamente de um novo Tribunal de Nuremberg, mas agora como réus. Contudo, diante da forte influência dessa ideologia no mundo atual, revalida o provérbio: "A história é contada pelos vencedores".

A história, porém, mostra que a Igreja – que está no mundo todo – não faz genuflexão a nenhum regime transviado que denigre e corrompe sua herança cristã, ou melhor, dando exemplos, ela não se curvou às proto-heresias, às pseudorreligiões, aos cismáticos, ao fascismo, ao nazismo e, sobretudo, ao comunismo que se alastrou metastaticamente pelo mundo. Foi assim que os representes da Igreja no Vietnã – país do sudeste asiático que não ficou incólume ao comunismo – permaneceram fiéis ao Vaticano, mas, em decorrência dessa fidelidade, eles foram duramente punidos por esse neorregime intolerante. Toda essa praxe "expurgatória" pode ser comprovada pelos mais de trezentos padres vietnamitas presos pelos revolucionários socialistas compatriotas. Todavia, foi nesse horizonte conturbado que fez eclodir uma das maiores personalidades do século XX, trata-se de François X. N. Van Thuân.

Van Thuân foi vitimado pela pujança ideológica desse regime anticlerical. Foi assim que ele, por sua fidelidade à Igreja, amargou treze anos de cadeia no seu país pelo fato de não dizer amém a esse regime – de essência materialista – imposto arbitrariamente. O calabouço, contudo, não foi capaz de calá-lo, pois ele fez da sua cela o seu bastião e seguiu dando testemunho da sua fé na esperança cristã, ainda que sabendo que, por insistir, a pena capital poderia ser iminente para ele, mas que, no caso dele, seria o martírio do batismo de sangue.

Dos muitos anos que Van Thuân passou encarcerado, ele nunca deixou de ser fiel à sua fé. Ele, apesar dos inefáveis tormentos, nunca pensou em abdicar da sua própria vida, muito pelo contrário, ele lutou, como pôde, por saber se tratar de um dom de Deus e por enxergar

nela um propósito maior. Em toda essa resiliência – assim como o apóstolo João e Paulo – ele escreveu à Igreja na solidão de sua cela lúgubre e – pelo teor catequético da sua redação testemunhada à posteridade – recebeu a devida anuência da Igreja.

Muitas são as lições que podem ser retidas do seu testemunho de vida e que foram eternizadas nos seus livros: como a capacidade evangélica de amar seus inimigos, como ter uma vida ascética quando se está "longe dos aplausos", como é importante a oração no processo da espera cristã etc. Por tudo isso e muito mais, Van Thuân pode ser considerado um mestre em seus escritos, uma vez que sua obra literária agregou – com a sua devida relevância – ao já rico Magistério da Igreja.

Diante de um mundo moderno que tem se afastado a passos largos dos valores basilares que edificaram as bases desta sociedade, sobretudo no mundo ocidental, onde as pessoas têm depositado, cada vez mais, suas esperanças em fatores outros que praticamente negam o transcendente, discorrer sobre a vida e obra do Cardeal em evidência é de suma importância para os tempos hodiernos, porque a promessa do Apocalipse não ficou estagnada às primeiras comunidades católicas, visto que se trata de uma mensagem vida que é atemporal. Por exemplo, é dessa mensagem apocalíptica que se fomenta a esperança cristã e é para alcançá-la que se vive uma vida evangélica, porquanto, o Apocalipse diz que nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. As coisas antigas passarão e haverá um céu novo e uma nova terra. Porém, nesse processo de espera, Jesus não deixa seu povo órfão, tanto que Jesus profetizou que Ele estaria com seu povo sempre, até a consumação dos séculos. O fato é que há 2.000 anos a Igreja vive dessa presença de Jesus – nos seus ministros, nos sacramentos, na sua Palavra e nas pessoas – que nutre essa esperança cristã de que um dia haverá a instauração desse Reino perfeito. Muitíssimos foram os cristãos, ao longo da história, que testemunharam corajosamente a fé nessa esperança de maneira especial, quanto a isso, o rol dos mártires fala por si. Contudo, esse piedoso Cardeal vietnamita em questão é uma testemunha viva e um fiel propagador dessa expectativa nos tempos atuais.

Perante o legado da vida desse asiático, conclui-se que, por sua honradez à Igreja diante dessa perspectiva desfavorável ao Evangelho, o ascético Van Thuân – cujo lema de cardinalato diz muito de si: *Gaudium et Spes* – foi um exemplo de pastor da Igreja e fez do seu sofrimento de cela uma das mais belas "alquimias" cristãs, porque ele vivenciou altruisticamente na prática aquilo que ele ensinara na teoria pastoral quando estava livre para governar a sua Igreja Particular. Em outras palavras, ele – que aprendeu com aquele que foi o arquétipo do homem – mostrou como amar seu inimigo e jamais abandonar a esperança cristã que tem que ser nutrida por uma vida de muita oração.

O testemunho de vida desse clérigo asiático é atual e jamais será anacrônico aos cristãos vindouros, visto que seu testemunho de vida vem dar respostas aos problemas típicos destes tempos modernos, fatores tais que não são estranhos à história da Igreja, posto que ela sempre foi e será acometida por perseguições muitas. Por isso e mais, conclui-se – ao examinar toda a vida pregressa dele – que esse dignitário da Igreja não pode ser recolhido ao ostracismo da história como alguém que o tempo faz apagar sua imagem. Ele tem que ser cada vez mais difundido no mundo todo por conta do seu valor catequético à atual conjuntura mundial que não ficou, por exemplo, impermeável ao marxismo cultural que se infiltrou e amalgamou-se, à moda gramsciana, nas mais diversas instituições sociais fazendo com que seu combate seja cada vez mais difícil diante da sua diabólica engenharia socialista. O fato é que Van Thuân pode ser aquele que refuta, segundo a sua vivência evangélica, a Antonio Gramsci que disse, por sua vez, que o socialismo é a religião que irá destruir o cristianismo. A literatura desse vietnamita, pelo seu alto valor catequético – com respostas para os tempos atuais – soma-se ao já rico Magistério secular da Igreja que tem como missão-mor a difusão do imperativo dado por seu Fundador outrora: "Ide pelo mundo e pregai a evangelho a toda criatura".

Van Thuân, embora sob a atmosfera do catolicismo, por tudo que ele passou no decorrer da sua vida, é reconhecido e admirado pelo mundo esclarecido. A vida dele não passou despercebida à alta cúpula da Igreja, não por acaso, a Igreja, por sua vez, rotula os feitos do seu ilustre agente – que encerrou a sua vida como membro do colégio do cardinalato – como vida heroica. Também não faltam exemplos dos últimos cinco Pontífices contemporâneos exaltando-o meritoriamente como um cristão exemplar a ser emulado. Não obstante seus notórios predicados, um fator chama a atenção a olhos vistos na perseverança desse clérigo oriental, trata-se da vida ascética dele em todo esse processo de devoção à difusão da esperança cristã, que, para ele, tornou-se uma espiritualidade. Tanto que seu amigo, João Paulo II, intitulou-o como sendo "o apóstolo do Evangelho da esperança".

Em última análise, a *Spe Salvi* foi categórica ao afirmar que a oração é a melhor escola de esperança cristã. Esse Cardeal vietnamita, que era um homem de fé arraigada, sempre soube que todas as "guerras" do mundo advêm dos "principados e potestades", por isso que sua espera sempre esteve atrelada ao transcendente. Van Thuân – que muito inspirou Bento XVI a dizer o que disse na SS – provou, com a sua própria vida, que a oração é *sine qua non* nas batalhas espirituais – como outrora alertou o apóstolo Paulo de Tarso – para se defender a esperança cristã. Em suma, oração é o combustível para jamais deixar fenecer a fé na esperança, pois é por meio dessa expectativa que todo cristão, há 2000 mil anos, nasce, vive, luta, aguarda e, até que a parusia não aconteça, morre para este mundo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe Rinaldo de. *O Segredo da Sagrada Eucaristia.* 9. ed. Lorena: Cléofas, 2012. 168 p.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. *Teologia da Libertação.* 6. ed. Lorena: Cléofas, 2121. 160 p.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. *Para entender a Inquisição.* Lorena: Cléofas, 2009. 304 p.

A Rússia Espalhará os seus Erros. Padre Paulo Ricardo. CNP. 16min 07s. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-russia-espalhara-seus-erros>. Acesso em: 22 de out. de 2021.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson (Coord.). Nova ed. rev. amp. São Paulo: Paulus, 2002. 2210 p.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave-Maria*. 185. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959, (impressão 2001). 1632p.

BAUR, Benedikt. *A vida espiritual.* Trad. Domingos Marques. São Paulo: Quadrante, 2004. 182 p.

BIAGI, Orivaldo Leme. O IMAGINÁRIO DA GUERRA FRIA. *Revista de História Regional, Atibaia*, v. 6, n. 1, p. 85, ago. 2007. 54 p. Disponível em: <https://www.faneesp .edu.br/site/documentos/revista_historia_regional47.pdf>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

BAUM, Card. William Wakefield. *Incarnationis Mysterium.* 1998. Disponível em: <https://www.vatican.va/jubilee_2000/docs/documents/hf_jp-ii_doc_30111998_bolla-jubilee _po.html>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

BIOGRAFIA. *Vice-postulação da causa de beatificação*. 2002. Disponível em: <https:// www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ave-Maria, Loyola, Paulinas, Paulus. 2011. 938 p.

CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. 1983. 488 p. Disponível em: <https:// www. vatican. va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em: 23 de ago. de 2021.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário.* 7º ed. Brasília: Edições CNBB. 2008. 360 p.

CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. *Lumen Gentium.* 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_1 9641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota.* Felipe Moura Brasil (Org.). 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 616 p.

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica:* livro III. Trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século. 2002. 223 p. Disponível em: <http://www.faberj.edu.br/cfb-2015/downloads/biblioteca/teologia/Eusebio_de_Cesareia.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2021.

COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOSEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. In: COURTOIS, Stéphane (Org). *O livro negro do comunismo*: crimes, terror e repressão. Trad. Caio Meira. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 918 p.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação.* 1984. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html.>. Acesso em: 26 de out. de 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. *Dei Verbum*. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 23 de out. de 2021.

COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 31 de out. de 2021.

DINH, Tran. *O cardeal Van Thuan:* inspiração para aos prisioneiros. *Vatican News*. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/cardeal-van-thuan-inspiracao-para-aos-prisioneiros.html>. Acesso em: 16 de agosto 2021.

EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich*. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. 674 p.

FILHO, Gilson Soares Raslan. *dai-me Almas*: o pastoreio midiático da TV Canção Nova. 2010. 355 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Ciências de Comunicação, Universidade de SP, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/ disponiveis/27/27154/tde-04112010-131915/publico/5598410.pdf >. Acesso em: 08 set. de 2021.

FLANKL, Viktor E. *Em busca de sentido.* Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 38. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis; Vozes, 2015. 184 p.

HERMANN, Claude *et al*. Walter. *O Código de Hamurabi*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Lafante, 2020. 190 p.

JESUS, Teresa do Menino. *História de uma alma:* manuscritos autobiográficos. Tradução das Religiosas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e de santa Teresinha. São Paulo: Paulus, 1986. 344 p.

KFOURI, Juca. Lembrar a história para não repetir o passado. *UOL Folha de São Paulo*. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfouri/2018/12/lembrar-a-historia-para-nao-repetir-o-passado.shtml>. Acesso em: 01 de nov. de 2021.

LIMA, Vanderlei de. Sem alguns católicos o comunismo seria muito pequeno. *Aleteia*, 2021. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/09/19/sem-alguns-catolicos-o-comunismo-seria-muito-pequeno/>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista.* Trad. Maria Lucia Como. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 72 p.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*: Introdução. São Paulo: Expressão Popular. 56 p.

MAGNOLI, Demétrio (org.). História das guerras. In.: MAGNOLI, Demétrio. Guerras da Indochina. São Paulo: Contexto, 2013, p. 395.

PAPA LEÃO XIII. *Rerum Novarum.* 1891. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso em: 21 de out. de 2021.

PAPA PIO XI. *Divinis Redemptoris.* 1937. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

PAPA PIO XI. *Quadragesimo Anno.* 1931. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 21 de out. de 2021.

PAPA JOÃO PAULO I. *Audiência Geral.* 1978. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/audiences/documents/hf_jp-i_aud_20091978.html>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Tertio Millennio Adveniente.* 1994. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II aos Jovens e às Jovens do Mundo por Ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude.* 1997. Disponível em: <https: // www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081996_xii-world-youth-day.html>. Acesso em: 14/09/2021. n. 2.

PAPA JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II por Ocasião da Atribuição do Título de Doutora da Igreja a Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face*. 1997. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19101997.html>. Acesso em: 08 de set. de 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II.* 2002. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020920_esequie-card-van-thuan.html>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

PAPA BENTO XVI. *Spe Salvi.* 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos Participantes na Sessão de Encerramento da Fase Diocesana do Processo de Beatificação do Servo de Deus Cardeal Van Thuân. Beatificação.* 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130706_processo-beatificazione-van-thuan.html>. Acesso em: 03 de set. de 2021.

RICCARDI, Andrea. *João Paulo II:* Biografia. Trad. Antônio Maia da Rocha. São Paulo: Paulus, 2011. 608 p.

ROMANO, Clemente. *Bibliotheca Patrística. Cartas aos Coríntios:* São Clemente Romano. S.d. 53 p. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/clemente_romano_cartas_aos_corintios.pdf>. Acesso em: 28 de set. de 2021.

RATZINGER, Joseph. *Fé, verdade, tolerância*: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. Trad. Sivar Hoeppner Ferreira: São Paulo. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúcio" (Ramon Llull), 2013. 248 p.

REDAÇÃO. Como o que aconteceu em Saigon na Guerra do Vietnã se compara ao que está acontecendo em Cabul. *BBC NEWS MUNDO*, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58254615>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Instrução Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação.* 1984. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html>. Acesso em: 24 set. de 2021.

SINOTTI, Evandro Wellington. *Não, Sr. Comuna!*: guia para desmascarar as falácias esquerdistas. Pirassununga – SP: S.C.P, 2015. 216 p.

SALVI, Rafael. Bispo de Xinjiang e 10 padres foram presos pelo regime chinês, denunciam sites cristãos. *Gazeta do Povo*. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/breves/bispo-de-xinjiang-e-10-padres-presos-pelo-regime-chines-denunciam-sites-cristaos/>. Acesso em: 04 set. de 2021.

Saint-Exupéry, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*: com aquarelas do autor. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 96 p.

THUÂN, François-Xavier Nguyên Van. *Cinco pães e dois peixes: do sofrimento do cárcere: um alegre testemunho de fé.* Trad. João Batista Boaventura Leite. Aparecida - SP: Editora Santuário, 2000. 96 p.

THUÂN, François-Xavier Nguyên Van. *Testemunhas da esperança*: quando o amor irrompe em situações de heroísmo e no dia-a-dia. Trad. João Batista Florentino. Vargem Grande Paulista – SP: Editora Cidade Nova, 2002. 232 p.

TORNIELLI, Andrea. Santa Sé e China, as razões para um Acordo sobre a nomeação de bispos. *Vatican News*. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-09/santa-se-china-acordo-nomeacoes-bispos-editorial-tornielli.html>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

VOLKOGONOV, Dmitri Antonovich. *Stalin***:** triunfo e tragédia. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. v. 2. 634 p.

WOODS JR, THOMAS E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. Trad. Élcio Carillo. 9. ed. São Paulo: Quadrante, 2014. 222 p.

ANEXO I – Capela da casa paterna do cardeal Van Thuân

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO II - Ordenação sacerdotal do cardeal Van Thuân

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO III - Van Thuân bispo

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

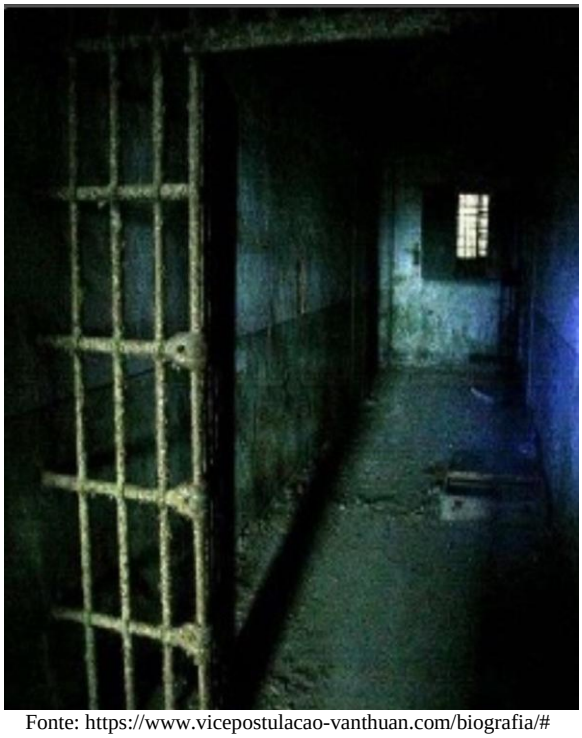
ANEXO IV - Van Thuân ao lado de Paulo VI

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO V - Palácio onde ele recebeu ordem de prisão

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO VI - Uma das celas onde Van Thuân esteve preso



Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO VII - Van Thuân na prisão

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

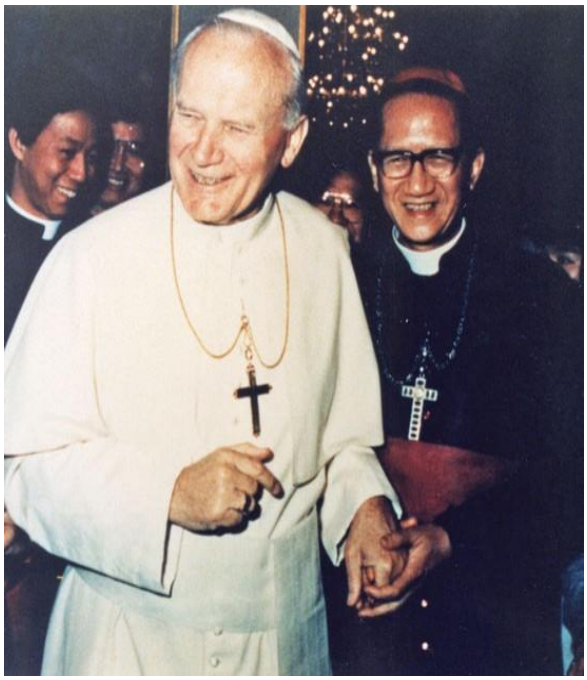
ANEXO VIII - Ilustração de Van Thuân celebrando a Missa na prisão

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO IX - Com sua cruz que ele fabricou na prisão

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO X - Van Thuân ao lado do seu amigo João Paulo II



Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO XI - Van Thuân pregando no vaticano

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO XII - Sendo feito cardeal

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO XIII - Missa de corpo presente do cardeal Van Thuân

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#

ANEXO XIXX - Missa de abertura do processo de beatificação

Fonte: https://www.vicepostulacao-vanthuan.com/biografia/#